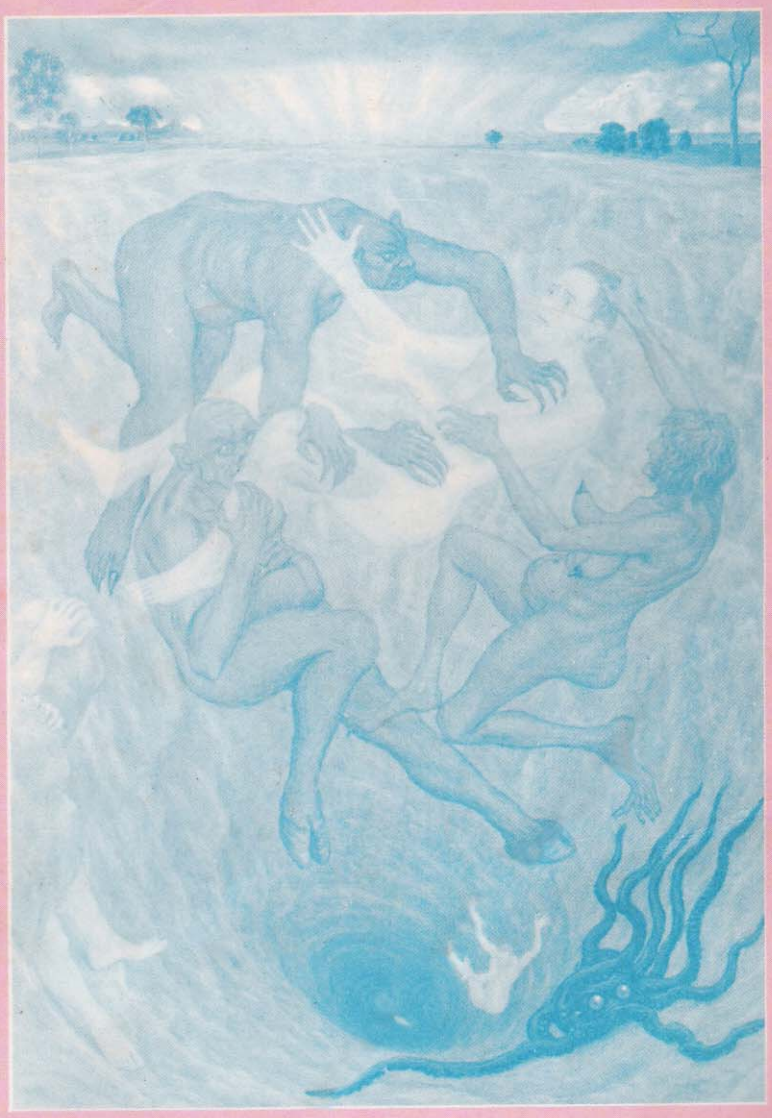
O ABISMO

Orientado pelo Espírito
ANDRÉ LUIZ



EDITORA da
FRATERNIDADE

R. A. RANIERI

R.A. RANIERI

O

ABISMO

Orientado pelo Espírito
ANDRÉ LUIZ

R. A. RANIERI

O ABISMO

Obra Mediúnica



http://groups.google.com.br/group/digitalsource

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

O ABISMO

(Obra orientada pelo Espírito de André Luiz)

R.A. RANIERI

Neste livro o autor nos conduz por um mundo diametralmente oposto de tudo aquilo que conhecemos.

Desespero, dor e angústia assombram, tal a sua narrativa dantesca. À proporção que vai revelando os abismos e sub-abismos, novos e indescritíveis quadros se deparam, onde vivem seres horripilantes e com aspectos disformes que perderam a forma humana, degradados pela permanência no mal, não possuindo "corpo espiritual".

Perderam o controle da mente consciente e caminham na descida vertiginosa para os mais recuados abismos, onde vão cumprir as penas impostas pela prática do mal nas suas várias reencarnações.

No entanto, o livro é esclarecedor, pois o orientador espiritual desta obra afirma que o Espírito não retrograda, mas a sua forma perispiritual sim.

É uma advertência àqueles que ainda não compreenderam a razão da necessidade da prática do amor ao próximo e da caridade.

O espírito não retrograda
mas a forma perispiritual se degrada.

ANDRÉ LUIZ

Assim está escrito:

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas **debaixo da terra.**

ÊXODO — Cap. 20, v 4

E ninguém no céu, nem na terra, **nem debaixo da terra,** podia abrir o livro, nem **olhar** para ele.

Apocalipse — Cap. 5 v 3

E ouvi a toda **a** criatura que está no céu e na terra, e **debaixo da terra,** e que está no **mar...**

Apocalipse — Cap. 5 v 13

E vi descer do céu um anjo, que tinha **a chave** do abismo, e uma grande cadeia na sua mão.
E prendeu o dragão, **a** antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o **por mil** anos.
E lançou-o no abismo, e **ali o** encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem.
E depois importa que seja solto por um pouco de tempo.

Apocalipse — Cap. 20 v 1, 2, 3

índice

Assim está escrito
I .....— Estranho Caminho
II .....— Orcus
III .....— A Terra
IV .....— Na Sub-Crosta16
V ..... — Gabriel19
VI .....— Sob a Luz do Sol Espiritual
VII .....— Na Cova
VIII .....— Mais Abaixo
IX .....— Meditação no sub-solo
X .....— O Dragão
XI..... — Profundidade e Superfície
XII .....— Oportunidade Divina
XII .....— O Império dos Dragões
XIV.....— Legião
XV .....— O Monstro
XVI .....— Pelas Trevas mais Densas
XVII..... — Atafon
XVIII ..... — Os "Homens"
XIX .....— A Cidade do Mal
XX .....— A Ave
XXI .....— Outras Criaturas
XXII .....— As Corujas
XXIII .....— Homens-Rãs
XXIV .....— Notações de Orcus
XXV..... — Ensinamentos Novos
XXVI .....— Na Gelatina
XXVII..... — Meditações nas Profundezas
XXVIII.... — Na Casa de Netuno
XXIX .....— As Ovas
XXX .....— Indicações sobre o Poder Mental
XXXI .....— A Montanha
XXXII..... — A Volta de Atafon
XXXIII....— Buscando a Saída
XXXIV ...— As Portas Libertadoras
XXXV ....— Libertos149
Uma Explicação sem Importância

1 - Estranho Caminho

Meu pensamento foi assaltado por vibrações violentas vindas do seio da Terra. Senti como se um poderoso aparelho detonador me atingisse as fibras mais íntimas e me precipitasse em sintonia com a morte. Não era medo o que eu sentia mas era uma sensação quase que de terror. Forças desconhecidas agiam no meu subconsciente e me atraiam para perigoso abismo. A princípio pensei que me desintegraria mas a seguir compreendi que a explosão se dera dentro de mim mesmo. As células de meu organismo espiritual entravam em vertiginoso movimento como se uma verdadeira explosão atômica se realizara no meu interior. Tinha a impressão de que tudo girava dentro de mim. As células haviam se precipitado numa corrida louca de libertação. Centenas, milhares, milhões, em corrida vertiginosa.

Minha mente tudo observava como que assombrada com o império de células que se desmoronava. Embora tudo aquilo fosse eu mesmo compreendia a insignificância que somos no emaranhado das leis que nos governam. Imensa era a minha ignorância e grandiosa e infinita a sabedoria de Deus!

O cosmo interior da minha individualidade se mantinha como um firmamento cheio de estrelas e planetas. Os astros em meio ao conglomerado de células dispersadas marchavam no vórtice acelerado. Não perdi a consciência, contudo senti que girava em mim mesmo e que minha consciência estava aparentemente desgovernada. Meu ser crescia, crescia sempre como se eu me tomara de repente enorme boneco de borracha porosa que se dilatasse indefinidamente. Quiz gritar algumas vezes mas a voz morria-me na garganta como se sufocada por mão de ferro. Acovardei-me e entreguei-me à vontade de Deus. No alto brilharam as estrelas e aí tive a impressão de que caminhava ao encontro dos astros. Mergulhei no Armamento e subi, subi sempre. Lá embaixo começou a ficar a Terra, perdida no oceano do universo. Não sabia a que alturas haveria de atingir mas via o mundo fugir de mim como a criança que contempla a sua bolinha de vidro perder-se nas águas do mar.

2 - Orcus

De repente, senti que não estava sozinho.

A meu lado estava Orcus que me contemplava afetuosamente. Olhei-o com atenção e verifiquei que era uma criatura formidável. Longos cabelos brancos, ligeiramente enrolados como se fossem cordas desciam-lhe pelos ombros. Rosto enorme, redondo "aquadradado" sobre um pescoço taurino e peito descomunal. A túnica aberta ao peito dava-lhe ao conjunto a expressão de um dos antigos profetas, talvez Isaías ou Pedro, o apóstolo.

O céu repleto de estrelas parecia conter-nos apenas a nós dois estabilizados no espaço por uma força que equilibrava a lei de gravidade. Após o delírio vertiginoso das células em debandada meu ser começou a serenar-se e eu me senti como se fosse uma criatura de dimensões despropositadas, imensas.

Eu estava "caído dentro de mim mesmo".

Orcus contemplava-me com amor e de seus olhos começaram a partir em minha direção partículas ou centelhas de luz que vinham me atingir o ser.

Recebi-as a princípio no coração e fui tomado de uma sensação de conforto retemperado por energias novas. Em seguida estendeu-me o Espírito a destra cintilante e ondas esquisitas se desprenderam dela vindo atingir-me a casa mental.

Aos poucos sob este novo influxo, principiei a diminuir-me lentamente e a voltar ao que poderia chamar de "estado normal".

Restabeleci-me interiormente sob o domínio espiritual de Orcus que me transfundia poderosas forças emitidas de seu poderoso organismo. Como um enfermo que se levanta do leito, equilibrei-me no Infinito. Na distância imensurável giravam os mundos em turbilhão.

Olhei a Terra: ainda estava lá em baixo, perdida na vastidão do universo.

— Onde estamos, Orcus? — interroguei.

— Entre as esferas do sistema solar, porém a uma distância de 325.000 km da Terra — respondeu Orcus.

— Estamos aqui na realidade ou é apenas uma impressão que temos desse deslocamento?

— Não, não é impressão. Estamos aqui mesmo. Fomos deslocados ao impulso da força mental, que nos arrastou o organismo em direção ao infinito. Você, meu filho, sofreu um processo de liberação parcial das células perispirituais afim de adquirir "leveza" para a viagem.

Eu como já estou habituado ao "clima de mais alto" não tive necessidade de passar por esse sofrimento.

Tornei a contemplar o Infinito e meu olhar inabituado ao panorama prodigioso de milhões e milhões de astros em carreira alucinante parecia submetido ininterruptamente a detonações interiores que iriam explodir o globo ocular. Tive a idéia que as pupilas estavam sendo dilatadas ao contacto das imagens novas do infinito portadoras de teor vibratório diferente da vibração terrestre.

E assim, por longo tempo, me embebi na contemplação do Universo.

3 - A Terra

— Daqui, meu filho, contemplará a Terra — disse Orcus — O planeta gira no espaço a milhões de anos impulsionado pelas forças vivas da Vida. Como ele, trilhões e trilhões de outros giram na marcha ascensional dos mundos. E neles a vida se expande em todas as formas e em múltiplas manifestações.

Contemplei a Terra que semelhava realmente uma laranja de formato irregular e estranho. Não era a forma redonda que nos é representada nas escolas e ginásios do orbe mas sim um corpo repleto de saliências e tocado de luz e sombra nas eminências e nas reentrâncias. Vales profundos e picos elevados, superfície brilhante à luz do sol indicando as grandes massas d'água. De fato, àquela distância, todos os problemas terrestres perdiam o interesse. De que valiam as lutas e guerras humanas? De nada. Víamos a Terra e compreendíamos que o Homem gasta imensas energias por nada. Visto de longe, o nosso mundo era modesto departamento de educação no turbilhão do Cosmo.

— Observe bem, acrescentou Orcus, e poderá ver o desenho dos continentes e dos países recortados perfeitamente.

Busquei ansioso com o olhar o continente Americano e particularmente o Brasil.

Lá estavam modelados na Crosta Terrestre acompanhando a marcha do mundo. Ligeiro colorido marrom terroso sob uma névoa plúmbea cobria os continentes.

Verifiquei que o meu olhar, agora dilatado, atravessava com relativa facilidade a grande extensão pertencente à faixa da atmosfera terrestre.

Não pude me deter melhor na análise de nossa casa planetária porque Orcus me informou:

— Prepare-se para descer. Aqui, meu amigo, iniciaremos a nossa jornada em demanda das profundidades e dos abismos onde habitam os Gênios da sombra e do mal.

Senti uma espécie de calafrio.

Como mergulhadores, abraçados) começamos a descer. A mente de Orcus qual poderoso motor vibrava aceleradamente. Minha mente, porém, não podia acompanhar-lhe o ritmo na descida vertiginosa e eu, agarrado a ele, precipitei-me naquela estranha aventura ao encontro do Abismo.

4 - Na Sub-Crosta

Nossa mente sentia o impacto das vibrações cósmicas que nos atingia na descida vertiginosa. O Globo Terrestre aproximava-se no imenso mar do espaço etéreo. Orcus era um grande pássaro que se precipitava numa velocidade indescritível.

Aos poucos percebemos a faixa da atmosfera terrena, de cor plúmbea, como um rio que cortasse repentinamente as águas do oceano.

À nossa frente surgiam os continentes enquanto a Casa Terrestre rodava sobre si mesma.

O turbilhão da mente em altíssima freqüência vibratória atravessava as grandes massas de radiações que como vasto cinturão circundavam o Globo.

Percebi que centenas de tonalidades de cor misturadas compunham a crosta terrestre, predominando no entanto o amarelo, o marrom e o vermelho. Notei que repentinamente penetrávamos camada mais densa.

Mas como? a crosta da terra?

— Estamos atravessando a crosta— disse Orcus.

— Sim, a crosta da Terra. Você não pode compreender bem o problema porque ainda vê com os olhos de homem do mundo. Eu, porém, vejo com os olhos do espírito.

— Mas a terra não é compacta, dura, intransponível?

— Não, não é bem isso. A Terra é,compacta e oferece resistência aos corpos de certa densidade como os que existem na sua superfície. O homem pela sua densidade física e pela densidade dos objetos que fazem parte de seu mundo encontra a terra dura, difícil de ser vencida ou "varada". Mas para a densidade dos espíritos a crosta terrestre é como você está vendo, apenas um turbilhão de poeira em movimento.

De fato, nós agora percorríamos extensa faixa de poeira em movimento semelhante à poeira que se levanta na superfície do Globo quando este é varrido por um forte vento. Na realidade, não encontrávamos ali a terra que nós tão bem conhecemos e com a qual convivemos. Não oferecia resistência à nossa passagem e somente nos lembrava uma camada mais espessa de atmosfera.

Fiquei assombrado. Nunca supuz que se pudesse penetrar daquela forma o seio da terra!

— Mas, e o calor? Não diz a ciência que a cada trinta e três metros de descida corresponde o aumento gradativo de um grau de calor?

— E o que tem isso? É verdadeira a afirmativa científica terrestre, mas isso não nos impede de penetrar terra a dentro nem nos atinge.

Calei-me, de novo admirado. Enquanto meditava, prosseguia na descida vertiginosa sob o controle poderoso de Orcus.

— Vamos parar — exclamou o Espírito, de repente. Pude observar que nos aproximávamos de imensas
cordilheiras que exibiam pináculos inacessíveis se vistos de baixo. Além deles, nas profundezas, abismos escuros se abriam aos nossos olhos acostumados agora à visão panorâmica das alturas.

Orcus segurou-me fortemente e compreendi que diminuíamos a velocidade como dois torpedos que chegassem ao objetivo.

Em seguida pousamos na ponta de um penhasco.

— Vencemos, felizmente, a "poeira terrestre" — explicou o mensageiro. Aqui, por um pouco, estaremos seguros.

Ficamos de pé. Ventos úmidos gemiam naquelas regiões sombrias. Leve claridade se filtrava através da poeira que turbilhonava acima de nossas cabeças. As cristas abruptas encharcadas de estranho líquido escorregadio lançavam-se perigosamente das alturas. Eu nunca vira na terra coisa igual. Eram centenas e milhares perdidas na vastidão do Abismo. A princípio não se via ninguém. Tudo silencioso e soturno. Parecia o fim do mundo ou o início da Criação. Do silêncio e das trevas uma espécie de terror caminhava para nós. Olhei Orcus: era assim mesmo uma figura impressionante.

Não foi por aqui que passou Dante? — perguntei.

— Não, ele seguiu outro caminho —esclareceu Orcus. Dante buscava outras regiões. No entanto, se for permitido, passaremos um dia por onde ele passou.

Senti um arrepio. Estaríamos a caminho do Inferno?

5 - Gabriel

Orcus passou lentamente a mão espalmada sobre meus olhos. Pensei que ia ter uma vertigem. Cintilações de grande intensidade invadiam-me as pupilas dilatadas. Parecia-me que um sol de luz branca penetrava-me a mente e que eu, ofuscado, iria precipitar-me das alturas.

Súbito, em pleno abismo, estarrecido, divisei formas diáfanas, puras, cristalinas, que se moviam sobre os rochedos e os penhascos. Formas angélicas movimentavam-se naquelas vastidões. Figuras de pureza lirial transportavam-se através do espaço.

Não podia eu ainda percebê-las em toda a sua nitidez mas sabia que eram formas semelhantes às formas humanas, porém transparentes e feitas de luz.

À nossa frente numa distância indescritível para o pensamento humano, contemplei uma criatura de grandeza excepcional e de uma perfeição assombrosa. Tão belo que produzia na minha alma verdadeira vertigem.

Acreditei enlouquecer.

Pousado no penhasco mais elevado e pontiagudo, com longas asas descendo-lhe sobre as espáduas cintilantes um Anjo de Sublime e Divina beleza dominava o abismo.

— Aquele é Gabriel, que assiste diante de Deus, — declarou Orcus com acento carinhoso e profundo.

Senti que o meu instrutor ao dizer essas palavras falara como quem expressa um sentimento que eu desconhecia. Eram respeito e amor ao mesmo tempo e também era uma revelação que me fazia.

Levantei o olhar para o Anjo e verifiquei que de seu coração poderosas forças jorravam sobre o abismo e pouco a pouco milhares de cintilações como uma chuva de estrelas iluminavam frouxamente as sombras. No fundo formas estranhas tocadas pela luz principiavam a mover-se. Gemidos e soluços elevaram-se então das trevas e contemplei horrorizado hordas inteiras de milhões de criaturas que agarradas ao "solo" ou ocultas nas reentrâncias arrastavam-se como animais naquelas vastidões.

Lembravam répteis, ou lagartas que não se animavam a ver a luz.

— Aquilo que você vê, meu filho, exclamou Orcus, são uma infinidade de seres que pela permanência no mal conquistaram a infelicidade de vagar nas trevas do seio da Terra. Agarram-se agora desesperados à Mãe Terra como crianças cegas que desejassem sugar os seus seios fortes e ubertosos. Na realidade alimentam-se agora do magnetismo terrestre e

vagam inconscientes, paralisadas no interior de si mesmos como "lesmas humanas" incapazes de gravitar para Deus.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Não sei dizer por que, estranhos soluços vieram-me à garganta e uma espécie de estranha compaixão assaltou-me a alma alastrando-se por todo o meu organismo espiritual. Gabriel sobre o abismo parecia amoroso pássaro de dimensões indescritíveis alimentando o abismo como sol que do alto do firmamento alimenta a Terra.

6 - Sob a Luz do Sol Espiritual

Era claro que não poderíamos nos aproximar do Anjo. A luz intensa que explodia de sua alma ofuscava os nossos olhos.

— Estamos a uma distância incalculável de Gabriel! — esclareceu Orcus, — e mesmo que quiséssemos ir até lá não poderíamos. Lembra-se da "parábola de Lázaro" no Evangelho? A nossa situação é quase a mesma.

Fiquei silencioso. Como somos insignificantes perante á grandeza da Vida! — Da miséria daquelas criaturas rojadas no solo, de rastos, até a Perfeição daquele Anjo pairando sobre o Abismo havia uma distância de milhões de "anos-evolução". Gabriel era a Luz e aqueles infelizes representavam as trevas mais intensas. Nós, porém, não éramos nem luz nem sombras.

Evidentemente, eu pensava tudo isso de mim mesmo, porque Orcus era também, em face da minha indigência espiritual, um Gigante iluminado. O Espírito, por certo acompanhava-me o pensamento, porque carinhosamente me abraçou e disse:

— Meu filho, diante da Grandeza de Deus, todos são infinitamente pequenos. No entanto, todos nós poderemos marchar ao encontro da Luz, o que já é uma bênção divina, não acha?

Concordei com ele.

Sem mais palavra, levando-me pela mão, Orcus iniciou a descida pelos despenhadeiros de declives.

— O vôo nessas zonas mais baixas não se torna impossível mas além de perdermos as melhores oportunidades de aprendizado, levantaríamos um clamor inútil, pois que essas criaturas que vivem nas trevas acreditariam que somos enviados celestes para salvá-las, — explicou Orcus. Agora iremos a pé. Infelizmente, pouco poderíamos fazer em favor delas. Permanecem na mais "rígida inconsciência".

Orcus calou-se, e foi descendo.

Os caminhos eram sinuosos e a terra escura, de um marrom fechado e escorregadia. Com imenso cuidado fomos vencendo as imensas distâncias que nos separavam das massas espirituais inferiores de "forma humana" que jaziam nas trevas. À proporção que descíamos notei que paredões enormes subiam o abismo.

Pareciam os "cânions" de que nos falam os viajores que passam pelo México.
Tentei olhar para cima e tão grande era a altura que meus olhos de novo sentiram vertigem. Os paredões à prumo projetavam-se como lanças para o alto. Parecíamos duas formigas caminhando por entre montanhas.

De repente, Orcus estacou. À nossa frente, numa espécie de furna, um verdadeiro gigante completamente nu obstruia-nos o caminho. Tamanho descomunal, espáduas

nuas, corpo de uma cor semelhante à prata, cabelos encaracolados. Velho, de uma velhice moça, porém, que parecia não ter idade. Isto é, tinha-se a impressão que aquela criatura era milenar e que no entanto "parará no tempo". Parecia um deus antigo.

— Quem sois? — perguntou-nos ele.

— Somos humildes viajores em busca de consolo ao nosso sofrimento.

— Não sabeis que estais nos infernos e que aqui não há consolo nem esperança? Aqueles que entram não podem mais sair porque se até aqui vieram é por terem a alma endurecida no mal.

— Compreendendo, disse Orcus, mas para Deus nada é impossível e todo pecador arrependido encontrará a oportunidade de salvar-se.

— Não, não! não há oportunidade para os maus!

Tão forte foi o berro do gigante que a sua voz ecoou por todo o abismo e ao mesmo tempo uma onda esfuziante de gritos de desespero levantou-se por toda a parte.

Desespero e dor. Aquelas formas agarradas ao "solo" gemeram e gritaram assombrosamente. Um verdadeiro turbilhão se fez em mim. Pensei que ia perder os sentidos. Mas Orcus delicadamente colocou a mão sobre meus ombros e restabeleci.

— Voltem, voltem! Não ouvem a minha voz? — estertorou o gigante. Daqui ninguém sairá nem voltará! Para trás! Para trás!

Senti um grande medo e vi-me pequenino e frágil em face daqueles dois gigantes: Orcus e Palaton. Este era o nome do Guardador do primeiro portal no primeiro declive por onde entráramos. Coisa estranha, sem saber explicar como, percebi que uma luz de muito alto atingia Palaton. Luz suave, de luar. Olhei e vi que um raio safirino descia como um fio pela ponta do penhasco onde se postara Gabriel e atingira o Gigante. Este encolheu-se todo, agarrou-se às rochas escondendo o rosto e disse, como uma criança amuada:

— Podem passar, podem passar protegidos da Luz.

Nós passamos, silenciosos. Eu tremia. Orcus, sereno, porém rígido e enérgico. Parecia uma estátua. Não ousei olhá-lo porque ele mesmo me assustava naquelas solidões.

Em breve chegamos a um estreitamento do caminho na rocha que mal dava para passar um homem.

As pedras eram quase negras, úmidas e escorregadias. Um limo pegajoso descia por elas. Sentíamos em nossas pernas e em nossa túnica a umidade viscosa. O caminho estreito terminava numa série infinita e incontável de pequenos degraus.

— Desçam! Desçam o Abismo! — exclamou atrás de nós Palaton. Lá no fundo estão aqueles que não têm mais esperança!

Fiquei transido de pavor. Orcus, porém, caminhava sempre como quem sabia o que queria e o que buscava.

7 - Na Cova

Estacamos. A nossos pés enorme cova se abria como se fosse uma bacia funda e larga, recoberta de limo e umidade.

Percebi que o terreno se tornava mais viscoso, escorregadio.

Estávamos parados à borda do novo abismo. Deveria ter uns oitenta metros de diâmetro de boca por uns quinze de profundidade, mas era uma cova estranha. Dentro dela "formas esquisitas" se movimentavam.

Centenas de criaturas arrastavam-se no solo como "lesmas".

Fiquei atônito. Orcus segurou-me a mão. Andavam unidas aquelas lesmas de forma humana como se um instinto muito forte as ligasse. Verifiquei que formavam como que uma pasta animada que se movimentava.

Orcus levantou a destra e fez um sinal. Do alto, Gabriel enviou-nos um novo raio de luz espiritual que clareou a cova.

Era espantoso contemplar aquela massa que se agarrava desesperadamente à terra.

— São seres que perderam a consciência — informou o Espírito. Repare que parecem cegos.

Acompanhei a observação de Orcus e verifiquei que

de fato não demonstravam enxergar coisa alguma. Pálpebras caídas, fechadas ou semicerradas, peitos, barrigas e rostos colados no chão viscoso caminhavam como serpentes ou minhocas.

Algumas eram brancas, mas a maioria era da cor do terreno: marrom escuro quase negro.

—i Poderíamos conversar com alguns deles? — perguntei.

— Não, é impossível. Não ouvem, não falam e não vêem. O pensamento desses seres está quase paralisado. Tanto se imantaram às coisas da terra que instalaram em si mesmos o magnetismo terrestre como fonte de vida interior. São aqueles que não acreditaram em Deus nem na existência da alma embora não tenham praticado grande mal entre os homens. Mentalizaram o nada e se tornaram inconscientes. O sentimento de Deus e a crença na imortalidade imprimem ao pensamento uma velocidade maior e ao "corpo espiritual" maior intensidade de freqüência celular do organismo espiritual.

O homem pedra se tornará pedra. Gravitamos para a superconsciência ou retornamos à inconsciência. Ser no universo é conquistar graus cada vez mais adiantados de consciência.

Fiquei pensativo e silencioso. Orcus, porém, afagou-me a fronte com carinho e vi que em mim mesmo intensas vibrações despertavam para percepções diferentes.

Na cova, aqueles seres rolavam ignorantes do que lhes acontecia. Não poderiam, provavelmente, compreender o que se passava com eles. Como era triste a situação dos que se julgando conhecedores de toda a sabedoria perderam-se a si mesmos na inconsciência e no mal!

E agora, o que acontecerá com eles? — interroguei aflito.

— Permanecerão neste estado até que um dia a força da lei os arraste de novo para a superfície...

— Superfície?

— Sim, superfície. Para a crosta terrestre onde você habita. Eles vieram de lá e hão de retornar para lá. A lei de ascenção descreve um círculo perfeito e amparará novamente os filhos do seu amor.

— Gabriel desviara o raio luminoso e a sombra do abismo cobrira outra vez os infelizes.

— Vamos; convidou-me Orcus, ainda temos muito que descer.

Olhei. À nossa frente, o caminho e a sombra. Prosseguimos descendo.

8 - Mais Abaixo

Meu pensamento fervilhava. Não podia compreender a situação daquelas criaturas inconscientes que ficaram na cova. Cegas, presas ao solo numa ânsia incontida de abraçarem-se com a terra...

Nisto, fomos surpreendidos por enorme serpente de cor escura, que se atravessou em nosso caminho.

Quiz gritar mas Orcus tapou-me delicadamente a boca com a mão. A serpente passou por nós sem nos perceber. Contudo, de repente, voltou-se para nos ver e então eu soltei um horroroso grito de espanto e terror.

A serpente possuía cara de homem e nos olhava com os olhos chamejantes. A cara presa à casca deixava entrever um ser "humano" escravizado a terrível prisão.

O olhar do "ofídio" era de tristeza e dor. Duas lágrimas rolavam-lhe dos olhos tristes...

— Piedade .'Piedade! suplicou-nos com acento tristonho.

Não pude deixar de chorar. Estranha comoção dominou-me o ser.

— Como te chamas? interroguei.

— Para que desejas saber meu nome? Aqueles que caíram tanto não têm mais nome.

Contemplei-a assombrado e cheio de piedade. Como era dolorosa a sua situação!

— Porque vives assim escravizado à roupagem de uma serpente?

— Egoísta e mau reduzi meu corpo espiritual à forma rastejante que agora vês. Jamais tive um pensamento de amor para quem quer que seja e nunca estendi a mão ao pobre e ao sofredor. Como castigo, perdi as mãos e rolo nos abismos.

Orcus apertou-me a mão e um fluxo magnético penetrou-me o ser dando-me novo ânimo.

— Só o tempo poderá arrastar-te das sombras para a luz. Nada poderemos fazer infelizmente — disse Orcus.

A serpente, ouvindo isso, deslizou para região mais escura e perdeu-se em meio a fantástica vegetação que
crescia junto as rochas. Fitei Orcus frente a frente e percebi que seus olhos também se marejaram de lágrimas.

— Meu filho, compreendo o seu espanto mas nada podemos diante da Lei. Quem assume compromissos com u Lei fica obrigado a pagar até o último ceitil. Os seres que se fecham no egoísmo e na indiferença ou se precipitam no mal, destroem por si mesmos os tecidos perispirituais e iniciam a desagregação do organismo psíquico. Ninguém comete o mal impunemente. Deus em Sua Infinita Bondade permite que aqueles que caíram retornem à superfície após sofrimentos extraordinários. Aquela serpente apenas retornou a formas inferiores por que já passara na escala evolutiva dos seres. Assim, todos aqueles que se desviaram da Lei precipitam-se a si mesmos na degradação das formas inferiores.

— E depois — interroguei — estacionam ou a que da não tem fim?

— Todos os seres podem subir ou podem descer. Todavia, como a misericórdia de Deus é infinita, cada vez que um espírito "cai" a Providência Divina o ampara cm Suas Mãos cheias de amor e o ser estaciona no tempo e no espaço. O nosso amigo "Serpente" estacionou há seis milênios, no tempo, e desceu a regiões inferiores, no espaço. Alguns conquistam as altitudes e os cimos, outros estacionam nos abismos. Não descem contudo ao desamparo. Em toda parte está a Casa de Deus e labutam mãos misericordiosas. O escafandro de "casca" que ostenta o nosso amigo é a misericórdia divina em forma de vestimenta protetora. Por enquanto
perdeu apenas os membros, se continuar "caindo" dentro de si mesmo perderá a consciência...

— E depois?... E depois?...

— Depois? — contemplou-me Orcus tristemente — se prosseguir, se desagregará completamente. Então há verá a segunda morte...

9 - *Meditação no Sub-Solo*

Eu ainda estava preocupado com o problema da segunda morte sem compreender na realidade o que acontecia com os seres que se precipitavam nos "abismos interiores", quando fomos surpreendidos pelos gritos de fantásticas aves negras que, em bando, cortavam os espaços abismais.

Pareciam enormes morcegos de asas sem penas, porém revestidas de leve pêlo ou penugem.

Agarrei-me a Orcus, assustado.

Ele, contudo, disse-me naturalmente:

— Observe que também exibem estranhas fisionomias de criaturas humanas.

Realmente, as aves eram outros tantos condenados às deformações das formas perispirituais. Rostos humanos ou ex-humanos saltavam de entre as asas escuras que sindiam as camadas de poeira do abismo.

Sobrevoavam píncaros pontiagudos e atravessavam zonas levemente dominadas pelos raios de luz irradiada por Gabriel.

Parecia-nos, todavia, que voavam a quilômetros de distância do Anjo colocado sobre o Abismo.

Orcus continuou descendo e eu acompanhei-o silencioso certo de que descíamos a regiões "pouco freqüentadas" pelos seres mais conscientes do mundo.

Detivemo-nos à margem de enorme rio de águas pra-l<'mias que em turbilhão rolava a nossos pés.

Nova surpresa se estampara em meus olhos.

Orcus percebeu porque me disse.

— As águas deste rio que se chama platino lembra a prata líquida. No fundo da terra correm diversos rios dessa natureza. Grandes massas líquidas formam o interior do nosso mundo, como se vê...

Apontou-me Orcus com o dedo em riste as águas turbilhonantes e exclamou:

— Contemple! Contemple bem firme essas águas que correm e veja o que elas levam!

Abri os olhos desmesurados ao contemplar o rio. Centenas de milhares de criaturas desgrenhadas e inconscientes rolavam em meio às águas como que arrastadas e batidas umas contra as outras no turbilhão escachoante.

— Esses são aqueles que se deixaram dominar por todas as paixões e agora dormem na fúria das águas desencadeadas sobre si mesmos.

Ouvi a voz de Orcus como quem escuta um grito lancinante de dor porque minha visão agora ampliada gentia que aqueles desgraçados lutavam para alcançar i margens do rio e não o conseguiam. Quanto mais lutavam contra a impetuosidade das águas mais estas 01 arrastavam e abraçavam em fúria incontida.

Às vezes formas feminis se agarravam a formas masculinas na ânsia desesperada e má.

Não pude contemplá-los por muito tempo porque eu também comecei a sentir em mim o tumulto de paixões desenfreadas.

Orcus protegeu-me, no entanto, com a sua serenidade superior **e** eu voltei à paz de espírito.

—0O0—

Seguimos por um estreito trilho que margeava **o** rio até defrontarmos enorme rochedo de pedras nuas por onde o caminho, apertado atravessava.

Sinuosa, escura, estreita, e nauseante era **a** estrada aberta no rochedo.

Túnel feito por mãos divinas ou diabólicas? Não sabemos.

Do outro lado, uma espécie de campina onde algumas árvores esquisitas levantavam os galhos retorcidos nos esperavam. Aquelas árvores também pareciam formas vivas de seres

que se "vegetalizavam"... Esbocei um pensamento estranho. Orcus imediatamente, **lendo-me** as imagens mentais, esclareceu:

— Realmente, meu caro, há os que se precipitaram nas formas vegetais e vivem agora aprisionados no que se poderia chamar de inércia aparente... São corações aflitos e inteligências que foram caindo, caindo, **e** atingindo a inconsciência começaram a **percorrer para trás a** escala da evolução... Irão até **o** mineral e descerão um pouco mais. Nessa ocasião poderão sofrer uma espécie de explosão atômica que desagregará o próprio ser. Dizemos explosão atômica como quem usa expressão já inteligível na Terra. Na realidade é uma desagregação intercelular mas tão distante de uma explosão atômica como a velocidade do som para a velocidade da luz. Estaquei assombrado.

— Já sei o que está pensando — colaborou Orcus — isso não acontece!

Eu não dissera nada mas a percepção do Espírito era muito viva.

— O centro da consciência que constitui o verdadeiro ser eterno não se desagrega mas volta a um estado tão grande de inconsciência que é como se não existisse como ser dotado de possibilidades divinas. É certo que um dia retornará na viagem de volta como quem cansado da permanência no quase nada reiniciasse a conquista de Deus. Há no Universo correntes de vida que arrastam para baixo ou para cima, para dentro ou para fora, para o ser ou para o não ser. Evoluir é conquistar graus cada vez mais adiantados de consciência. E conquistar graus de consciência é simplesmente conhecer-se a si mesmo. Tinha razão o "Velho Sócrates..."

Percebi que Orcus me fazia grandiosas revelações e que um impulso novo me conduzia pelos caminhos do Conhecimento.

10 - O Dragão

Percebi que à proporção que penetrávamos no Império Terrestre uma terrível angústia tentava dominar-nos o coração. Ao mesmo tempo sentia que forças de mais alto, talvez as irradiações de Gabriel, auxiliavam-nos na marcha.

Ali, não me sentia agora tão seguro como antes. Tudo que nos rodeava parecia ter vida e dentro de cada

pedra ou no interior de cada acidente do caminho estranhas formas sepultadas ansiavam por se comunicar conosco.

Orcus estava sereno. Eu, porém, submetido àquelas impressões desconcertantes, arrastava-me um pouco aturdido como se névoas esquisitas invadissem-me a mente.

Orcus passou-me a mão delicada sobre a testa e disse:

— Nada tema. O que sente é a aproximação cada vez mais intensa dos olhos do Dragão.

— Dragão? Quem é o Dragão? balbuciei.

— Meu filho, em todas as épocas da humanidade, o Dragão simbolizou as forças do mal ou a legião de seres revoltados que lutam contra Jesus. Não se recorda de Satanás? É o mesmo símbolo. No entanto, aqui nós encontramos realmente figuras que representam o Dragão que se opõe a Deus. Há sempre no fundo da Terra um Dragão que domina o Império dos Dragões mas isto não é somente na Terra, em todos os mundos de vibração semelhante à Terra existem os filhos do dragão ou seja aqueles que não querem aceitar a lei de Deus e só evoluem sob a força compulsória da mesma Lei.

— Mas existe então nesta região um ser que se diz o Dragão?

— Existe, grande, enorme e terrível. É possível que você o veja e que também conheça os seus filhos.

Calei-me. Um silêncio sem limites tomara conta de minha alma. Olhei para o alto e, estarrecido, verifiquei que Gabriel era apenas um ponto luminoso na distância, como uma estrela em pleno firmamento.

Havíamos descido centenas ou milhares de quilômetros. Terra a dentro havíamos penetrado nas profundezas do Abismo. Onde me levaria ainda Orcus? O amigo pareceu compreender-me porque segredou: — Agradeça a Deus a oportunidade porque Jesus também desceu a estas regiões antes de subir para nosso Pai Celestial.

11 - Profundidade e Superfície

Ainda não andáramos muito e defrontamos imenso lago de águas paradas, de um verde muito claro e transparente.

— Toque-o com o dedo — aconselhou Orcus.

Abaixei-me e toquei as águas. Assombro e estupor encheram-me a alma e cobriram-me a fisionomia. Não havia possibilidade de mergulhar o dedo ou a mão naquela água. Era uma massa gelatinosa e esquisita. Levantei-me assustado e afastei-me um pouco. Na massa líquido-gelatinosa eu vira um rosto que me olhava. Ansiosa e doloridamente. E quanto mais eu olhava outros muitos me contemplavam cheios de angústia como me implorassem algo que eu não saberia dizer.

Devoravam-me com os olhos.

Lembrei-me de Dante. Seria eu um novo Dante e estaria no inferno? Voltei-me para Orcus, também eu cheio daquela temível tristeza e pungente angústia que emanava daqueles seres. Quem éramos nós? Seria ele o Alighieri ou seria eu?

— És tu Virgílio e sou eu o Dante ou és o Dante e sou eu Virgílio?

Orcus sorriu tristonho. Meu filho, o Abismo é o mesmo, apenas isso. Sairemos daqui, como entramos, pelo amor de Deus.

As palavras e os pensamentos de Dante ao mundo foram truncados, modificados, alterados, para satisfazer aqueles que vendem a própria alma se preciso for. Retornamos ao Abismo para restabelecer a Verdade. Tem medo?

Olhei-o angustiado e voltei a contemplar na gelatina aqueles que me olhavam como quem olha velho conhecido. O olhar daquelas criaturas era triste e dolorido e parecia brazas de fogo a queimar-me a alma.

— Porque estão aí? — interroguei.

— Perderam a forma humana. Degradados pela permanência no mal, desceram até o mais profundo abismo e não têm mais "corpo espiritual". Por isso, não poderão reencarnar tão cedo. A Bondade Divina porém permite que estacionem nessa massa difusa, informe e vaga que os conterá por muitos séculos e milênios. Nos braços amorosos da Terra e em seu seio de mãe, lentamente, se recuperarão para reiniciar a marcha de volta. Estão na profundidade e anseiam pela superfície. A superfície para eles é a superfície da Terra onde os homens vivem e representa para essas criaturas uma espécie de céu ou de esfera superior.

Se os homens lá em cima suspiram pelo céu ou lutam por subir as esferas superiores, estes seres aqui anseiam por renascer na Terra como quem conquistará verdadeiro céu.

12 - Oportunidade Divina

Eu bem não me refizera do espanto, quando Orcus apontou-me uma turba sombria, verdadeira multidão de criaturas esfarrapadas e tristes, cobertas por mantos ou panos cor

terrosa, colocadas no lado oposto do lago. Contemplavam-nos de longe com os olhos voltados para o chão. Temiam talvez contemplar-nos.

Compacta multidão de seres irreconhecíveis aos homens da Terra. Fisionomias patibulares e angustiadas. Silenciosos, profundamente silenciosos. Os pés mergulhavam no charco formado pelas águas do lago que ali formava uma espécie de praia.

— Aqueles, mais do que estes, disse o Grande Espírito — anseiam por reencarnar na Superfície. Não estão no Templo da Inconsciência ainda e por isso compreendem que retornar ao mundo em corpo de carne é como respirar um pouco de oxigênio puro. A reencarnação, meu filho, é bênção de Deus e oportunidade divina. A conquista de um corpo na Terra é concessão pouco compreendida pelo homem. A permanência no .seio dessa horda que você vê é que levou muita gente a acreditar no Inferno Eterno. Dante foi claro mas os homens e os frades de seu tempo com as mãos do Dragão deturparam-lhe a obra.

Cabe-nos a tarefa de contribuir para o restabelecimento da verdade.

— Eu quero! Eu quero! — bradou uma voz do outro lado do lago, interrompendo-nos a meditação.

— O que queres? — perguntou Orcus.

— Quero voltar! — ajuda-me.

— Eu quero! Eu quero! Eu quero! — gritaram milhares de vozes enchendo o abismo de rumor de ondas de oceano que semelhavam quebrar em praias distantes...

Depois, gritos horríveis e tristonhos de angústia sem fim sucederam-se aos primeiros berros.

Gemidos lancinantes, uivos, gargalhadas e choros de verdadeiros loucos.

— Deixa-nos voltar à Superfície! Deixa-nos, Anjo do Abismo!

Encheram-se-me os olhos novamente de lágrimas.

Orcus deteve-se também cheio de palidez e tristeza como quem desejasse fazer alguma coisa e não pudesse. Vi-lhe o coração cortado por mil dores e a alma cheia de compaixão.

De repente, porém, um vozerio diferente sucedeu ao tumulto anterior. Estalos estranhos, como se chicotes de capataz azorragassem escravos na senzala.

Raios cortaram o espaço e a onda "sub-humana" recuou espavorida...

O que é isso? — interroguei assustado.

— São os dragões — esclareceu Orcus. Os terríveis dragões, perversas entidades que governam estes ermos com intensa crueldade. Incapazes de cumprir as leis de Deus, organizam-se para o Mal. Escravizam e fazem sofrer.

Quedei-me com o coração a bater descompassado.

O vozerio, ao som da vergasta, desapareceu nas trevas mais profundas. Voltei a contemplar o lago. Lá estavam aquelas caras estranhas a me olharem estranhamente ...

13 - O Império dos Dragões

Começamos a sentir os primeiros sinais do Império dos Dragões — disse Orcus. Além destas zonas mandam eles, por Misericórdia Divina.

Não entendi bem, porque Orcus contemplou-me como um pai a um filho e ensinou:

— Tudo que ocorre no Universo depende da Misericórdia Divina.

— Mesmo o mal?

— Mesmo o mal. Deus não violenta consciências nem constrange ninguém. Organizou as suas leis que governam os fenômenos naturais de todo o Universo e dentro delas os seres se movem. O mal é a ausência de bem. No entanto, o mal é apenas resultado da inconsciência das criaturas. Os dragões vivem porque as leis divinas permitem que eles vivam e fazem sofrer porque as leis divinas permitem que façam sofrer. Um dia, a força mesma da lei, os arrastará de novo à superfície para sofrer por sua vez e viver.

Como seriam os dragões?

Enquanto Orcus me ensinava, meu pensamento percorria outros caminhos.

Ele percebeu porque esclareceu logo:

— São seres maus, perversos, terríveis. Endurecidos por muitos milênios de maldade. Isto aqui é um verdadeiro inferno mas não é **Inferno Eterno.** Só o Bem pode ser eterno. O mal não. O mal é ausência de bem assim como a sombra é somente ou simplesmente ausência da luz.

Fiquei ouvindo no íntimo de mim mesmo aquelas palavras sábias. O silêncio enchera agora as naves do abismo. Parecia que tudo emudecera.

Voltáramos a ser outra vez criaturas solitárias e insignificantes em face daquelas penhas e daquelas profundidades. Lá em cima, Gabriel governava silencioso e fiel.

Olhei-o. Uma espécie de vertigem atingiu-me a alma. Tinha a impressão que o abismo era em cima e não onde estávamos. A distância esmagava-nos.

O Anjo cintilava ainda como estrela solitária. Imensa ave de asas espalmadas com um sol de Deus.

Ouvimos, no entanto, um rugido ensurdecedor. Estremeceu o abismo e todo som, toda palavra ou todo o pensamento silenciara ao estertor daquele grito desumano. Senti o coração esmagado por um terror in-dizível. Devo ter empalidecido porque Orcus me abraçou e disse:

— Não se aterrorize. É o Dragão.

Não pude responder nem interrogar. Parecia-me que outra morte, mais terrível e mais pungente me destruiria a vida. Aquele grito estava cheio de vibrações aterrorizantes e penetrara-me as fibras mais íntimas do ser.

Contudo, caminhávamos ao seu encontro.

A princípio uma sombra mais espessa encheu o abismo para logo em seguida uma claridade maior nos atingir. Gabriel enviava-nos maior soma de luminosidade I a nossos pés seres estranhos exibiam as faces cadavéricas e patibulares reunidos como crocodilos inofensivos e apalermados.

Olhei-os estarrecido. Homens-monstros e homens-feras como que magnetizados pela "Luz" arrastaram-se nas reentrâncias do caminho solitário.

A voz estentórica do Dragão talvez lhes tivesse paralizado a ação porque alguns ofereciam olhares aterrorizados e tristes como se houvessem recebido em cheio em plena alma punhaladas de infinita dor.

Se quiséssemos poderíamos afagá-los com a mão como se fossem animais domésticos inofensivos. Mas observei que assim que acabávamos de passar por eles, uma onda de gritos, uivos e expressões de revolta nascia no meio deles.

Voltando-me para vê-los, contemplei-os em luta uns com os outros entredevorando-se como cães.

Eram um bando de feras momentaneamente paralizados pela Luz ou imobilizados pelo terror do Dragão.

14 - Legião

Íamos prosseguir quando ouvimos os sons de uma espécie de batalhão que marchava.

A cinqüenta metros abaixo de nós, numa praça aberta, em formação militar, criaturas que lembravam os soldados egípcios, de saiote e de capacete, marchavam em direção ao fundo da praça. Notei-lhes as fisionomias de cor amarelada terrosa e o olhar fixo como sonâmbulos que cumprissem fielmente uma obrigação.

Bem formados, obedeciam a um chefe e deveriam se constituir de cerca de quinhentos "homens" mais ou menos.

À frente dois deles sopesavam pequeno cofre apoiado em um estrado cujas cintilações metálicas lembravam o ouro, porém avermelhado.

O que levam naquela caixa? — perguntei.

— Os pergaminhos da sua lei — informou Orcus. Imitam os Judeus do Templo de Jerusalém. Aquilo simboliza a arca. Aliás, no Egito Antigo também era assim. E pela Lei se dirigem. Mas quem faz essa lei é o ser a quem chamamos Dragão e que a Igreja denomina Lúcifer. No momento, está prisioneiro, acorrentado, no centro da praça. Olhe lá e veja bem que no centro mesmo dessa praça onde se observa uma espécie de "fonte luminosa" existe alguém acorrentado.

Procurei contemplar e observar melhor e quedei-me assombrado.

Sob pesadas correntes, um ser como jamais foi dado ver a criaturas da superfície da Terra ali se encontrava prisioneiro. Conquanto a fisionomia lembrasse a fisionomia de um homem ou de um espírito de forma humana, estava tão distanciado de nossa espécie quanto um dinossauro de um homem. Descomunal, perna que lembravam colunas de um edifício, pés que mediam muitos metros de altura, braços cabeludos, embora de pele amarelada e ao mesmo tempo esfogueada, rosto enorme e mais de quinze metros onde dois olhos maus avançavam chamas.

Às vezes uivava ou gemia.

— Porque não arrebenta as correntes — indaguei.

— O Senhor não permite. Contudo lhe foi concedido por Deus certo tempo de liberdade e em breve reinará livre das amarras com permissão divina.

Fiquei paralisado. Aquele monstro libertar-se? Como? Seria possível?

— Sim. Deus em Sua Misericórdia lhe dará oportunidade para redimir-se. Segundo estamos informados terá a concessão de subir em breve tempo à superfície da Terra e estabelecerá uma luta contra o Bem durante mil dias. Depois, será vencido. Os homens

ficarão nessa época entregues ao seu livre arbítrio, exclusivamente a ele. Apenas os bons espíritos os ampararão à distância. Isto se dará porque nessa ocasião o homem decidirá o destino do Mundo. Os que forem verdadeiramente bons subirão a regiões mais altas de consciência e os que somente "parecerem bons" rolarão nos abismos da inconsciência.

— Mas isso não é uma temeridade, um mal?

— Deus permite o que chamamos o mal para que muitos melhorem. A presença do dragão porá em risco apenas aqueles que ainda não consolidaram o bem em si mesmos.

— E o Dragão o que lucra com isso?

— Sua consciência culpada terá oportunidade de aproveitar a experiência humana assim como receberá da Terra vibrações transformadoras que há milênios o homem lança na superfície. Os dragões também fazem parte da criação divina. A parte mais embrutecida da Terra. Lembram os mamutes, os brontossauros e os sáurios. São a natureza primitiva que retém os elementos primários e embrionários de nosso sistema.

15 - O Monstro

Observei que o batalhão estacou e que algumas daquelas criaturas foram se prostrar aos pés do monstro. Rendiam ou pareciam render-lhe humildemente culto como se ele fosse um Deus.

Orcus passou-me a destra frente aos olhos e senti que minhas percepções se ampliaram grandemente como se eu, de súbito, colocara poderoso binóculo. Passei a vê-los de perto, como se estivessem ao alcance de minhas mãos. Recuei aterrado. Aqueles espíritos possuíam um só e único olho em plena testa e a fisionomia cansada lembrava animais antediluvianos. A pele terrosa semelhava couro endurecido e áspero. O olho era grande e a pupila fixa exibia raios de sangue em todas as direções.

O Dragão pareceu sorrir satisfeito e acalmou. Tive a impressão que falava-lhes uma língua estranha, talvez por gesto porque todos se curvaram. Logo depois, prorrompeu um alarido ensurdecedor.

De toda a parte então, como se saíssem das próprias rochas, saltaram criaturas esquisitas, de todas as formas e feições e foram se ajoelhar contritas na praça.

Vi seres que se arrastavam dolorosamente na ânsia de se aproximarem o mais possível. Cobras e lagartos, macacoides e aves negras que se dirigiam para o Dragão a fim de lhe prestar homenagem.

Acreditei que toda a criação inferior do mundo ali se reunia sob a força de poderoso magnetismo. O ambiente encheu-se de um medonho mistério e névoas atordoantes levantaram-se do solo como se ali se houvesse aberto um pantanal.

De repente, por mais estranho que pareça, o monstro elevou a voz e eu pude entendê-lo simplesmente pela linguagem do pensamento.

— Filhos dos Dragões! — bradou ele — a nossa hora se aproxima. Há séculos espero, acorrentado aqui, prisioneiro e escravo desse que se diz Senhor da Vida à espera da libertação. Mas um dia haveremos de vencer. Em breve, liberto, comandarei pessoalmente as nossas hostes e então invadiremos a superfície.

Um alarido estentórico sucedeu às suas palavras. Aqueles seres apáticos, terrosos e automatizados grunhiram nas profundezas dos abismos e elevaram vozes desumanas em frenéticos clamores de alegria.

— Venceremos! venceremos! — clamaram eles.

— Sairei para a luz do sol — continuou o Dragão e aprisionaremos as almas que nos pertencem, pois os filhos do crime por direito divino são propriedade dos Dragões!

Novo clamor de contentamento se elevou da multidão. Os espíritos militarizados batiam com os pés no solo fazendo coro à multidão oculta por entre as pedras.

— Aguardem! Aguardem, filhos das Trevas. Combateremos a Luz e haveremos de vencê-la!

Bem não dissera ele isso e uma rajada de luz em catadupas desceu do alto ensolarando o Abismo.

Gritaria ensurdecedora respondeu àquela demonstração do Mundo Superior, todavia espavoridos aqueles milhares de espíritos possuidores das mais estranhas formas atiraram-se uns contra os outros em corrida louca para se esconderem na escuridão.

Gabriel talvez ouvindo a arenga do Dragão enviara-nos a sua luz e o seu poder.

E aqueles seres infelizes e inferiores sentiam-se queimar e cegar-se ao contato da luminosidade sublime do Anjo.

Desesperados chocavam-se nas trevas e mergulhavam nas reentrâncias e nas fendas como animais desorientados que houvessem perdido a noção de dignidade e de amor próprio.

Na praça, em pouco, permanecia somente o Dragão, vencido e despeitado, voltado para o chão, sofrendo a cruel amargura da derrota.

Assim mesmo murmurou:

— És forte e poderoso, Anjo do Abismo, mas não te temo. Liberto, subirei para lutar! Punhos fechados, fez um gesto de desafio para o Alto.

Orcus concentrou-se, porém, cheio de humildade no silêncio da oração.

16 - Pelas Trevas mais Densas

A escuridão voltou a dominar o Abismo.

Embuçados nas trevas, prosseguimos nossa jornada no seio da Terra.

O silêncio sucedera ao tumulto.

Súbito, um ser estranho e terrível se atravessou •em nosso caminho. Possuía asas longas e corpo de lagarto. Enorme e repelente.

Olhei-o assombrado. Era um verdadeiro Dragão com a forma tradicional que a mente humana representa na Terra.

Uma língua fina e vibrátil saía-lhe da boca e dois olhos chamejantes lançavam chispas.

Seria um ser inteligente ou era de fato um simples animal sem consciência?

Eu estava enganado. Encarou-nos de frente e obstruindo-nos a passagem exclamou, numa linguagem mental semelhante à que fora usada pelo "rei acorrentado":

— O que quereis em nossos domínios? Não temeis, \ «criaturas infelizes?

Orcus olhou e disse:

— Afasta-te, irmão, nós somos filhos do Cordeiro e buscamos as profundidades para aprender e progredir!

O animal afastou-se aterrado e, após, lançando um grito bestial atirou-se nas profundezas. Um arrepio percorreu-me a alma. Contemplei os penhascos e senti-me imensamente só.

Orcus compreendeu-me a indecisão e a luta íntima porque me falou:

— É realmente, esse, um espírito terrível que exibe a forma tradicional do Dragão conhecido pelos homens. Aqui, encontraremos a cada passo espíritos envergando formas animalescas que vivem no abismo. Aqueles que fogem à luz do sol encontram ainda assim em Deus a misericórdia e o amparo. Descem aos abismos de sombra metamorfoseando-se na decadência ou na degenerescência da forma. Embora o espírito não retrograde, a forma contudo, degrada-se quando a mente estaciona no mal ou no pecado. Poderá o perispírito até desintegrar e a mente, quem sabe, também poderá atingir os limites da desintegração?

A nossos pés comecei a perceber olhos estranhos que pareciam fincados na terra e "feições patibulares" refletiam-se no solo. De repente, senti que por toda a parte uma legião de seres diabólicos acompanhavam nossos passos e o meu coração encheu-se de temor. Valeria à pena descer mais?

Orcus, paternalmente, beijou-me a fronte e afagou-me carinhosamente.

— Nada tema. O Senhor está conosco. As trevas não prevalecerão contra a luz e o Mal não vencerá o Bem jamais. Esses seres que habitam o Abismo são de fato criaturas que "desceram em si mesmas até o fundo dos abismos mais insondáveis". Perderam o controle da mente consciente e caminham na descida vertiginosa. Passarão numa espécie de retrospecto pela fieira da animalidade através da qual um dia ascenderão a estágios superiores da consciência. Cairão, contudo, provavelmente, não se perderão. Nos mais recuados infernos penetra a Bondade de Deus, nosso Pai, para salvar os que estão perdidos...

Compreendi o quanto estava enganada a Igreja Católica que embora identificando o Verdadeiro Inferno, errara, considerando eternas as penas e sofrimentos por que haveriam de passar os seres que se condenaram a si mesmos.

Jesus também um dia descera aos abismos, após a morte na Cruz, mas ali fora gloriosamente numa demonstração de Suprema humildade. Abracei-me a Orcus. Lá em cima numa distância que se me afigurava sem limites, ficara o mundo.

Como era bela a superfície e como era suave a vida humana!

Estaria ainda lá em cima o meu pobre corpo físico ou eu também agora era apenas uma sombra espiritual

nos caminhos tenebrosos das quedas humanas ou espirituais?

Súbito, defrontamos extensa muralha sobre a qual uma espécie de éra gigantesca debruçava-se recordando vegetações seculares existentes na Superfície da Terra. Folhas grossas e enormes parecendo orelhas de elefantes.

Silêncio sepulcral pairava sobre ela. O que haveria do lado de lá? Notamos que estreita porta dava passagem na muralha. Um capim muito verde estendia-se a nossos pés.

Penetramos pela porta a dentro, árvores esparsas punham no ambiente uma estranha nostalgia. Grama o árvores semelhantes às da Terra, embora árvores esquisitas de cor

avermelhada enroscassem-se umas nas outras como se fossem criaturas abraçadas no supremo delírio.

Habitação rústica, de pedra vulcânica, por onde vegetação luxuriante se agarrava, erguia suas paredes singelas.

Batemos. Abriu-se uma porta. E um anjo de porte majestoso e fisionomia impressionantemente bela estendeu-nos a mão. Era um jovem de augusta beleza. Túnica simples e diáfana e pele lirial. Seu rosto também não demonstrava sexo. Parecia um jovem de idade eterna e parecia ao mesmo tempo ura ser do sexo feminino.

— Eu sou Atafon —, falou-nos ele com voz profundamente doce. E controlo os caminhos do Abismo mais profundo.

Entramos. Lá dentro, um verdadeiro lar nos esperava. Fiquei encantado. Jamais poderia supor que onde Deus em sua Misericórdia colocara os espíritos do Mal, colocara por sua vez para ampará-los, anjos do Paraíso.

17 - Atafon

Contemplei as linhas perfeitas de Atafon.

Era como se eu visse uma figura irreal que tornara o ambiente já tão fantástico mais irreal ainda. Perfeição absoluta para os meus olhos de **espírito mortal.**

Olhou-me carinhosamente e perguntou a Orcus:

— O nosso amigo, pelo que vejo, ainda desfruta das alegrias da reencarnação na Terra, não é certo?

— Sim. Respondeu Orcus. Permitiu o Senhor que descesse comigo ao fundo dos abismos. Tem compromissos milenares com a esfera física e com os abismos.

Atafon pareceu compreender porque sorriu satisfeito e acrescentou:

— Terei prazer em facultar a descida sob proteção aos Grandes Abismos. Até certo ponto, eu mesmo os acompanharei. Contudo, de longe os "Guardas Abismais" vigiarão. Creio que o último mortal que esteve em nossos domínios, tendo entrado pela região de leste foi Dante. Ninguém mais veio.

Senti terrível choque ao ouvir essas palavras. Parecia-me imensa a responsabilidade que caía sobre os meus ombros.

— De fato, completou Orcus, mas a mensagem de Dante foi deturpada pelos padres, seus irmãos, que desejavam adaptar o Abismo às suas necessidades mais imediatas. Pretendemos reavivar de maneira gradativa os conhecimentos terrestres sobre as zonas do Abismo.

Um vento frio começou a soprar lá fora e uma onda imensa de queixumes perpassava neles. Embora as paredes do lar de Atafon abafassem os sons, ainda assim, ouvíamos.

— São os lamentos das almas desesperadas, disse ele, que através da acústica dos penhascos vêm até nós. Esse vento frio é o Teon. Sopra às mesmas horas todos os dias e dessa forma podem os infelizes que habitam estas zonas ter uma idéia de tempo, como se fosse um relógio.

Retornando sempre após o mesmo espaço de tempo estabeleceu uma certa medida para os espíritos que aqui habitam de modo a que se consolem. A incapacidade para medir o tempo é uma das provas mais dolorosas destes abismos. A sensação de "eternidade na dor" produz em cada ser uma profunda angústia que desperta neles uma revolta contra Deus...

— A "força da Lei" faz com que retornem pouco a pouco à superfície. Não há injustiça de Deus nem a perda de "compreensão do tempo" é um castigo. Os seres que não acionaram a mente no sentido da meditação e do trabalho cristão verdadeiros ou espirituais tendem a estacionar no tempo e a cair no espaço. Se prosseguem nesse caminho da inconsciência atingirão um dia a desintegração do próprio organismo perispiritual...

Eu já recebera algumas noções esparsas da Segunda Morte, por isso não me surpreendi, mas fiquei temeroso.

Atafon bateu-me no ombro com familiaridade e perguntou:

— Onde está Orcindo?

Diante dessa pergunta, então, me surpreendi extraordinariamente. Não me lembrava mais de Orcindo. Viera conosco ou não? Coisa estranha! Onde o deixáramos? Um calafrio percorreu-me o organismo. Estaria eu já sob a influência do Abismo e estaria perdendo também a noção de tempo?

Não saberia mais dizer quando deixara a superfície. Pareciam-me séculos aquelas horas passadas no Abismo. Seriam horas?

Orcus percebeu minha luta íntima porque disse:

— Não procure medir o tempo aqui. Para o espírito um minuto pode representar uma eternidade.

Abracei-me a ele agradecido e duas grossas lágrimas rolaram-me dos olhos como se eu repousasse nos braços de meu pai.

Atafon contemplou-nos carinhosamente e animou:

— Nada temam. Descerei com vocês até às regiões próximas do centro.

Gabriel protege-nos de mais alto. Contudo, busquem orar sempre porque estamos em plenos domínios do Dragão.

18 - Os "Homens"

Com Atafon, a situação era diferente e a descida tornou-se mais fácil, apesar do adiantamento inegável de Orcus.

As sombras iluminavam-se à passagem do Anjo e a luz que se irradiava de seu organismo era um verdadeiro arco-íris multicolorido. Um silêncio profundo sucedia-se à proporção que avançávamos. Súbito, comecei a **ouvir** em mim mesmo a voz do silêncio. Parecia-me que o silêncio era feito de sons. Aquilo surpreendeu-me mais que tudo. Atafon sorriu.

— Está **ouvindo o silêncio,** meu caro? Se os homens compreendessem as surpresas do silêncio não se riam tão barulhentos.

— O que é isso que escuto? — perguntei-lhe.

— Nada, meu filho. Na quietude destas profundidades, cessado o barulho exterior, você passa a **ouvir-se** a si **mesmo.** O que você está ouvindo é a vibração de **seu próprio organismo** perispiritual. É você que vibra intensamente em você mesmo. São os sons da sua alma.

Fiquei pensativo. Aquilo era realmente estranho mas era a verdade. Dentro de mim um som agudo vibrava intensamente.

Orcus calara-se. A descida conquanto mais fácil, ainda assim oferecia perigos. Havia caminhos gelatinosos e escorregadios. De repente, divisamos na distância figuras enormes semelhantes a navios encalhados no fundo do mar.

Assustei-me.

Atafon acalmou-nos com carinho.

— Não se assustem. O que pensa você que é aquilo?

Respondi-lhe:

— Monstros estacionados no tempo e no espaço.

Atafon sorriu e Orcus deu uma risada alegre que
retumbou em todo o Abismo.

— Quando vim aqui pela primeira vez pensei a mesma coisa.

Não, não são monstros, meu amigo. Aquilo é uma cidade subterrânea.

— Uma cidade ? !

A voz sufocara-se-me na garganta.

— Quer dizer que são prédios?

— Sim. São prédios. Enormes construções de origem espiritual inferior.

Envoltas pelas névoas úmidas das profundidades, as torres dos prédios escuras, pontiagudas, elevavam-se no meio da neblina. Em torno, porém, um silêncio de morte.

— E lá habitam seres?

— Sim. Semelhantes aos homens, todavia, em péssimas condições espirituais. Prepare-se para ver o **pior.**

Um arrepio percorreu-me o organismo. Teria eu forças para suportar essas visões do Abismo?

Atafon compreendeu-me a luta interior. De seu organismo, na altura do coração, uma luz azul de maravilhosa pureza aflorou como uma rosa e em breves instantes comecei a receber-lhe os raios em pleno coração e na região do cérebro. Notei que Orcus por sua vez recebia os efeitos da luz. Uma calma divina penetrou-me a alma e a mente pacificou-se como por encanto.

Agora percebíamos melhor as construções em estilo medieval em parte. O resto assemelhava-se de alguma forma aos palácios dos doges. Havia, contudo, agrupamentos

de habitações parecidas com as nossas favelas mais sujas. Enfim, uma mistura de estilos e combinações de arquitetura. Dir-se-ia que a loucura de algum diabólico arquiteto resolvera estabelecer ali a confusão de toda a arte do mundo.

Atafon explicou:

— Ali residem espíritos de todas as qualidades e tipos. Artistas, poetas, escritores, pintores, engenheiros, homem comuns — se se poderia ainda hoje classificá-los de conformidade com suas atividades da época em que estiveram na superfície da Terra. Há neles, porém, um sinal de identidade que lhes é comum e que os reúne no mesmo lugar: — a indiferença à Lei de Deus e a permanência no mal. Isso é que os reúne.

— E estão aí? gaguejei.

— Estão. Vocês os verão.

Senti de novo aquele calafrio que me acompanhava desde a superfície. Como seriam? — pensei.

Orcus apertou-me a mão com carinho. O influxo da luz me reajustou. Estávamos agora atravessando os pórticos da cidade. Havia um portão enorme em arco e julguei por um momento ver ali a inscrição que antes descrevera com tanta perfeição:

"Deixai aqui toda esperança, ó vós que entrais".

Mas não era.

O que estava escrito era coisa diferente. Dizia apenas:

"Não amamos Deus. Nosso mestre é o Dragão".

Atafon sorriu com indulgência.

— Esses seres querem demonstrar o seu desprezo a Deus, com essa inscrição. Deus, todavia, há de amá-los sempre até que um dia retornem ao domínio da Lei. O que os homens e os espíritos pensam de Deus nada representa para Ele que é Pai amigo e justo e os aguardará de braços abertos até o final dos séculos. Aí habitam os espíritos maus que ainda pensam que são homens.

Aquela expressão de Atafon abalou-me profundamente o ser.

— Porque não são mais "espíritos de homens" e alguém pode deixar de ser?

Atafon contemplou-me com profundo amor no olhar.

— O embrutecimento da criatura espiritual pode levá-la a perder as características de homens, que é uma conquista superior do espírito que sobe. A animalidade é característica do espírito que desce, que estaciona ou que está em evolução.

O ensinamento calara-me de maneira irrespondível na mente e trouxera-me profunda meditação.

Agarrei com mais força a mão de Orcus que caminhava junto comigo, amparando-me.

Havíamos chegado na cidade e o calçamento das ruas lembraram-me uma das ruas das velhas cidades coloniais do Império Português.

19 - A Cidade do Mal

As pedras eram escuras, as paredes das casas úmidas de uma umidade indefinível. A água escorria sem cessar e sem que se soubesse de onde vinha. Portas carcomidas, um hálito de morte e terror penetrava todas as coisas.

Batemos na primeira casa. A porta entreaberta deixou ver uma criatura horripilante, que nos fitava desesperada. Cabelos desgrenhados e olhos esgazeados. A face descarnada dava-nos a idéia de alguém dominado pela lepra. Era uma mulher. Desfigurada, só longinquamente nos lembraria um ser humano. Começamos a perceber porque Atafon nos dissera que eram espíritos maus que ainda pensam que são homens..."

A mulher não nos disse nada.

Sabíamos, no entanto, que havia nela o desespero sem nome.

A luz de Atafon, provavelmente, deixara-a à distância e garantia-nos a visita.

Retiramo-nos silenciosos.

— Viu? — Não lhe disse que se preparasse para o pior?

Eu devia estar terrivelmente pálido porque sentia-me tremer intensamente.

Orcus abraçou-me com afeição e dele uma corrente eletro-magnética desprendeu-se alcançando-me todo o espírito.

Prosseguimos os três na ruela escura e fétida.

— Se a humanidade soubesse o que existe aqui em baixo! — exclamei com um profundo suspiro.

— A humanidade já foi informada do que existe — esclareceu Orcus —, o que ela acredita porém é que isso constitui um inferno eterno. Não há eternidade no Mal. A Lei de Deus não fez o inferno eterno. O que existe são zonas infernais onde as consciências culpadas se reúnem atraídas por imposição inexorável da Lei de Afinidade. O espírito sob o impulso da Lei de evolução aperfeiçoa-se, adquire leveza e sobe. Da mesma forma, se estaciona no mal, embrutece-se, torna-se pesado e desce. Essa é uma lei ainda desconhecida dos homens mas que funciona rigorosamente nos planos espirituais e tanto atinge o espírito encarnado quanto o desencarnado. É o que poderíamos chamar peso específico do perispírito. O responsável, no entanto, por isso é a mente. Quando a mente abriga pensamentos de baixa vibração determinam eles o nascimento de sentimentos inferiores de natureza materializante que agem diretamente sobre os fios que constituem a rede vibratória do perispírito produzindo correntes mais lentas o que o tornará mais pesado e mais grosseiro. O fenômeno contrário, isto é, quando a mente abriga pensamentos de ordem superior ou de alta vibração, nascem os sentimentos de projeção superior que produzem correntes vibratórias mais velozes trazendo como conseqüência direta maior leveza do perispírito. Como um balão, o espírito busca então, as alturas espirituais ou desce às profundezas do abismo...

Orcus calou-se. Uma interrogação pairava, contudo, no meu espírito. E depois... ?

— Depois, continuou Orcus — a lei da maternidade terrestre determina que o espírito que desceu às profundidades estacione nas trevas enquanto que a Terra em seu seio amoroso e amigo, como um enorme útero, lhe dê novamente o impulso da vida que não cessa. E o espírito "caído" recomeça a marcha de ascenção para alcançar um dia a luz da superfície...

As palavras de Orcus repercutiam ainda no meu ser como estranha sinfonia de ensinamentos profundos.

Minha mente lutava desesperada para compreender tudo aquilo que me parecia um sonho fantástico e mau.

Na sombra, percebíamos que à medida que avançávamos, seres esquisitos se escondiam nos ângulos mais escuros dos caminhos. Evidentemente, a cidade inteira era habitada. Atafon conduziu-nos por estreitos e terríveis caminhos. Uma abertura em rocha viva deu-nos passagem para extenso corredor mais úmido ainda. Onde iríamos nós?

Orcus manteve-se silencioso e Atafon ganhando um pouco nossa frente deixou que de súbito suave luz de luar se lhe irradiasse do ser. Branda e pura, a luminosidade derramava-se-lhe dos tecidos como tênue claridade através de lâmpada fluorescente.

O caminho iluminou-se francamente mas de modo a permitir-nos a marcha em perfeita segurança.

Orcus cochichou-me paternalmente:

— Atafon está usando apenas um pouco mais de sua vibração com o objetivo único de facilitar nossa caminhada. Os seres inferiores, todavia, que habitam as trevas já sabem que estamos por aqui. Se Atafon usasse mais luz causaria enorme perturbação nestes domínios porque essas criaturas sentem-se queimar à incidência da luz. De resto, você já viu isso...

Compreendi o que Orcus me dizia. Realmente, era um fato impressionante aquele. Os espíritos que vivem nas trevas e têm a treva em si mesmos não suportam a luz. Ofuscam-se e sofrem ao mesmo tempo queimaduras dolorosas. Por isso, imenso cuidado mantêm as entidades mais elevadas a fim de não surpreendê-los com o seu poder. Assim como Deus, oculto no Infinito, não exibe escandalosamente a sua força e o seu poder, também os espíritos superiores envolvem na humildade o seu conhecimento e as suas conquistas. Ninguém pode ou tem o direito der estabelecer a desordem na "Casa do Pai".

Jesus ensinou-nos a humildade de tal forma que o homem ainda não descobriu que nos mais longínquos recantos do Universo a humildade é Lei.

Lei de vida e evolução, progresso e ascenção espiritual. Sem ela nada se conquista nas esferas da vida imortal.

Continuamos penetrando através da rocha com Atafon à frente.

De repente, enorme salão, todo de rocha avermelhada como imensa fogueira descortinou-se-nos aos olhos. Uma figura estranha de anão com um só olho na testa, segurando nas mãos poderosas enorme molho de chaves de mais de dois palmos de tamanho cada uma, veio até nós. Aterrorizei-me e senti um apavorante impulso para fugir mas Atafon conteve-me com um gesto.

A criatura aproximou-se-lhe humildemente.

— Que quereis Anjo do Abismo? aqui estou para servir-vos.

O anão vestia roupa de tecido semelhante ao couro. A cabeça grande de macrocéfalo, balançava-lhe nos ombros como um globo oscilante e os braços excessivamente longos contrastavam-lhe com o corpo curto. As pernas grossas, no entanto, suportavam-lhe a esquisita estrutura.

— Venho em visita de inspeção — disse Atafon — e trago amigos.

Não pude conter um grito de terror. Pelos cantos da gruta úmida, frouxamente iluminada por uma lanterna esverdeada, seres patibulares jaziam acorrentados. O anão mantinha as chaves daquelas correntes. Orcus abafou-me os soluços abraçando-me com paternal amor. As lágrimas insopitáveis saltavam-me dos olhos incontrolados. Era insuportável aquela visão. Meus sentimentos ainda não submetidos a uma disciplina que é capaz de nos dar a compaixão sem o desvairamento traiam-me a condição inferior.

O anão contemplou-me por um minuto como se estivesse em dúvida mas a presença de Orcus e Atafon salvaram-me.

Enquanto Atafon se adiantava para os seres horripilantes que estavam na sombra, Orcus murmurou:

— Se por ventura você pudesse ter chegado aqui sozinho, as suas lágrimas que na superfície são prova de sublimidade e amor, aqui seriam motivo para que você também fosse acorrentado junto com aquelas criaturas ali.

Acompanhei com os olhos o gesto de Orcus expresso em sua mão estendida, e recebi em todo o meu organismo um arrepio medonho de pavor. Compreendi que naquelas regiões só duas condições credenciavam o espírito: ou imensa elevação espiritual ou prodigioso atraso próximo da inconsciência. Os espíritos de sublime posição eram

respeitados e os espíritos maus que governavam as trevas podiam se mover. O resto era impiedosamente escravizado. Uma lágrima nos olhos era um sinal de perigo. Poderíamos ser arrastados a sofrimentos inauditos. A serena superioridade dos que sabiam amar sem se perder mantinha os verdugos à distância. A fraqueza dos simplesmente bem intencionados não os amedrontava. Quão difícil me era aproximar daquelas criaturas acorrentadas! Um cheiro nauseabundo tresandava-lhes do organismo. Os membros pareciam putrefatos e os olhos injetados perdidos na face semelhavam duas pálidas e pequeninas luas.

Chamei a atenção de Orcus para o fato de possuírem dois olhos. Orcus esclareceu:

— Estes são espíritos que desceram recentemente às profundezas deste abismo. Todavia, repare bem que trazem os olhos vidrados ou opacos. Não possuem visão.

Gastaram os olhos na "Terra" naquilo que os homens poderiam denominar de "hipnotismo sensual".

O desejo e a sensualidade exercida pelas vistas na ânsia do desejo da mulher do próximo ou a aplicação do magnetismo visual para a conquista e amor de baixo padrão desgastam as fibras do perispírito e cega a criatura por muitos milênios. São cegos de amor e paixão.

Quedei-me pensativo e silencioso. Nunca havia suposto lá na superfície que os olhos que ardem na paixão desenfreada dos sentidos estavam condenados à destruição.

O amor cheio de maldade destrói o próprio veículo pelo qual se transmite.

Orcus demonstrou com um olhar compreender minhas profundas reflexões e aduziu ao meu pensamento:

— O que você está pensando, meu filho, corresponde à mais exata realidade, todavia é bom esclarecer que o olhar carinhoso e amigo, verdadeiramente sincero, aplicado no amor verdadeiro que obedece ao cumprimento da Lei, constrói pupilas luminosas para a imortalidade. É a mesma lei que estabelece as probabilidades de subida e descida que estudamos anteriormente. O amor ao mal e às coisas da matéria materializa. O amor ao bem e às coisas do espírito, espiritualiza.

Tudo em toda a parte, toca-se de luz e sombra. A mesma energia depende apenas de direção. É por isso que o Evangelho é bússola...

A observação judiciosa de Orcus calou-me fundo.

Atafon dirigia-se mais para o interior e notei que se aproximava daquelas criaturas "descarnadas", expressão que usamos a fim de dar uma idéia da condição delas. Verificamos que os seus perispíritos, conquanto organismos de natureza eletro-magnética e infinitamente distanciados daquilo que chamamos carne apresentavam-se dilacerados exibindo membros onde faltavam pedaços enormes. A maioria exibia órbitas vazias. E dizemos a maioria porque ali se alinhavam em verdadeira multidão de alguns milhares. O salão como imenso platô lembrava prodigiosa laje sobre a qual as criaturas inconscientes ou semi-conscientes permaneciam abandonadas em um estado que se não era a morte também não era a vida.

Uma mulher cujos membros dilacerados e enfraquecidos lembravam árvore seca, desgalhada, batida pela fúria da tempestade, falou-nos ininteligivelmente. Paramos tentando ouvi-la.

— Sabe quem é essa? — interrogou Orcus.

Olhei a mulher como quem contempla uma ruína inimaginável e não pude me recordar daquelas feições monstruosas. Quem seria?

— A mulher de César...

Meu olhar ansioso buscou Orcus. Quiz saber mais. Ele compreendeu mas não me disse nada. Vi que não lhe convinha me revelar mais. Uma estranha força, contudo, desde aquela hora me atraiu para aquela mulher. Teria sido eu aquele César? Qual deles? Tomei-me de compaixão. Orcus, porém, alertou-me.

— Por mais tenhamos amado alguém algumas vezes a criatura se lança em precipícios tão profundos que nada podemos fazer em seu favor. Só a Lei de Deus,

inexorável, dura, mas misericordiosa, salva os que estão aparentemente perdidos. Cada um se salva por si mesmo ao influxo da misericórdia do Pai. "Descer e subir" são forças da vida.

Caminhei olhando para trás. Orcus arrastava-me pela mão. Entre os molambos e o horror daquela forma caída no mal eu sentia um coração que não me amara mas a quem eu sempre amei.

— Você não foi César —i acrescentou Orcus — mas apenas alguém que a amou. Ela que sempre sonhou com o esplendor das cortes e dos reinados, renunciando ao verdadeiro amor foi caindo, de queda em queda até o ponto que você viu. Naqueles olhos vidrados e na sua inconsciência ainda sonha com as multidões e com os palácios dos césares. Está coberta de ouro e púrpura. Para nós, no entanto, só exibe podridão e lama. Contudo, um dia, retornará ao Paraíso. O Reino de Deus, meu filho, é feito de simplicidade e amor. Os tesouros desse reino são apenas a afeição verdadeira e o amor imortal.

Orcus cessou de falar. Atafon que se distanciara fez um aceno com a mão. Apressamo-nos.

Um grupo de "homens" amontoados uns sobre os outros como uma pilha de capim ou palha aguardava-nos para estudo. Pareciam esqueletos de formas patibulares. Embora não exibissem revestimento na ossada lisa, gemiam como se possuíssem garganta e língua. Estranhos gemidos saiam do monturo!

Contemplamos o espetáculo inaudito! Em meio à ossada vozes murmuravam palavras de paixão e dor.

— Que criaturas são essas? — perguntei profundamente surpreendido.

— São os espíritos daqueles que acreditaram firmemente que após a morte nada restaria deles e se riam apenas esqueletos abandonados. Tão grande foi a mentalização nesse sentido que adquiriram a forma que você vê.

A resposta de Orcus de uma certa maneira deixou-me aterrorizado. Jamais imaginara tão grande a força do pensamento.

— Sentem-se eles realmente como se fossem esqueletos. O perispírito moldou-se à nova forma e provavelmente se andassem pelo mundo seriam vistos por alguns como assombrações em formas esqueléticas. Mui tos têm saído assim na superfície...

Um calafrio percorreu-me a coluna... Estava diante de fatos novos para mim. Nunca Dante me surgiu tão respeitável na consciência. Compreendi o verdadeiro sentido de sua história e fiquei imaginando quão enorme foi o seu sofrimento por não ser compreendido na superfície da Terra. Acreditaram no mundo que ele houvesse sido somente um artista. É certo que ninguém supôs que o assunto de seus poemas fosse verdadeiro, real. Provavelmente, eu encontraria resistência maior ou semelhante na Crosta. Valeria à pena?

— Quem serve por amor ao serviço e tem a Deus por Pai e Jesus por irmão, não pode deter-se para informar-se se o que pensam os homens a seu respeito...

— falou-me Orcus mansamente como que respondendo às minhas angustiosas interrogações mentais.

Palavras sábias que eu não tentaria sequer discutir.

Atafon prosseguia percorrendo o imenso rochedo onde os espíritos infelizes fizeram por desgraça o seu ninho de sofrimento. Seres estranhos entremeavam-se àquelas formas. Alguns pareciam serpentes, lagartos e dragões menores. Outros exibiam tão horrorosa fisionomia que os enfermos da superfície ao lado deles seriam criaturas de sublime beleza.

Defrontáramos agora uma infinidade de espíritos que exibiam **formas dilaceradas.**

Espantou-me o fato. Nem sempre possuíam as pernas e os braços. Havia os que apenas apresentavam a cabeça e o tronco.

Estranho reunirem-se eles numa espécie de panela aberta no vasto rochedo em forma de prato. Aninhavam-se uns aos outros como crianças, dominados por um sono inquieto. Misturavam-se, aconchegavam-se uns nos outros como que procurando calor. A maioria ostentava um crânio limpo, brilhante, sem cabelos; outros, apenas recoberto por uma penugem rala. A maioria lembrava crianças com a fisionomia de velhos milenares cuja boca adquiria a feição de meninos que estão chupando bico. Os olhos fundos absolutamente fechados.

Na realidade, eram seres voltados para dentro de si mesmos num esquisito movimento mental interior. O exterior não lhes fazia conta e para eles deixara de existir. Semelhavam fetos amontoados no útero materno.

Não era a primeira vez que eu contemplava criaturas às quais faltavam membros, mas eram sempre homens da Terra. O fato de existirem espíritos mutilados impressionava-me profundamente.

Orcus não deixou de perceber-me as dificuldades internas e a luta do pensamento para adaptar-se àquela realidade nova.

— De fato, meu caro, é sempre chocante a observação detalhada da degradação da forma em qualquer reino da criatura no universo. O espírito não retrograda, todavia a forma tem possibilidade de desgastar-se, dilacerar-se e degradar-se até dissolver-se. Você não se lembra do ensinamento relativamente à Segunda Morte? O princípio não é novo, como vemos, e foi expresso pessoalmente por nosso Excelso Mestre.

Senti como terrível impacto mental o lembrete de Orcus. Não havia por onde fugir.

— E é isso a segunda morte? —• interroguei visivelmente assustado.

— Não, esta ainda não é a segunda morte mas poderá ser encarada como a agonia... Compreendi a profundidade da observação.

— Quer dizer que esses são enfermos a caminho da dissolução perispiritual?

— Se não reagirem a tempo, irão decaindo em si mesmos cada vez mais até atingirem os limites marcados pela Lei para a garantia da união celular. A desintegração do perispírito pode ocorrer tanto quanto ocorre no mundo a desintegração do corpo físico. A lei que rege a união celular perispiritual é a mesma, apenas funciona de maneira diferente. Enquanto que o corpo físico vive submetido ao equilíbrio da alimentação constituída por alimentos comuns e oxigênio e a sua manutenção depende somente de um processo da vida, o perispírito que é o intermediário na aglutinação celular do corpo físico que o garante, por sua vez mantém-se unicamente pelo poder da mente. O desvario mental inicia a destruição do perispírito assim como a elevação da mente dá início à jornada de construção não só do próprio perispírito mas também de veículos mais elevados. A criatura constrói ou destrói-se a si mesma...

Orcus fitou-me amoroso e o meu pensamento sob o influxo do poder de sua palavra sábia galopou no terreno da meditação pura.

As formas ali estavam a nossos pés, dilaceradas, mutiladas, horríveis...

E haviam sido "homens" talvez belos e venturosos, um dia, na superfície!

Na realidade em nosso mundo, os homens sonhavam com o céu, mas aqueles ali seriam imensamente felizes se pudessem simplesmente atingir a superfície da crosta terrestre. Todavia, ainda estavam descendo. E quantos no mundo, distraídos e insensatos estavam iniciando a descida para a destruição total ou parcial?

Descer e subir são problemas de direção... — dissera Orcus. De fato, compreendia eu agora a sabedoria da assertiva.

Só descendo à sombra mais espessa é que poderemos entender a luz. Atafon, no entanto, prosseguia, e por isso não pudemos nos deter.

20 - A Ave

Enquanto caminhávamos na plataforma de pedra, observamos que uma sombra esquisita parecia nos acompanhar. Atafon fez-nos um gesto discreto indicando-nos a necessidade de manter silêncio e prosseguir com coragem. Confesso que não me sentia muito seguro e que minhas pernas tremiam.

Contornávamos extenso lago de águas prateadas. O rochedo alto, projetava-se sobre o lago assustadoramente. Provavelmente, deveríamos parecer na distância infinitamente pequenos.

Éramos três criaturas insignificantes sobre imenso rochedo, apesar da enorme estatura de Atafon e de Orcus. Os seres respeitavam-nos mas a natureza ali, sombria e fantástica, criava tudo de modo descomunal. Precipícios sem fim, escarpas perigosas, umidade capaz de arrastar a despenhadeiros. Só a luminosidade de Atafon e Orcus clareava as sombras. O anão seguia-nos conduzindo uma espécie de lanterna semelhante àquelas que os lanterneiros usam nas estações de estrada de ferro. Marchava arrastado, porém respeitoso. Via-se que estava submetido e escravizado ao magnetismo de Atafon que exercia sobre ele enorme poder. Era uma criatura apavorante. Fácies que lembrava **o** gorila antropóide, ancestral do homem. Olhar vidrado, parado, face terrosa.

A luz de sua lanterna mal daria para clarear-lhe os passos. Parecia, no entanto enxergar perfeitamente nas trevas.

— Essas criaturas — falou-nos Atafon — acostumaram-se às trevas e enxergam com facilidade nos abismos. Vivem, na sombra e amam a sombra. Por isso, não os inquieta aquilo que para os mortais seria o pavor e a morte.

O vulto, do outro lado do lago, acompanháva-nos silenciosamente. De súbito, ouvimos um grito medonho que reboou multiplicado muitas vezes pelo eco na imensidão dos penhascos. Parei estarrecido. Era uma voz de ave e de animal ante-diluviano**.** Sufocado pelo terror não pude andar um passo. Um frio intenso percorreu-me todo o organismo. Orcus amparou-me carinhoso e Atafon estendeu a mão espalmada em direção ao lago. Vibrações magnéticas partiram-lhe dos dedos distendidos como fagulhas elétricas de um prodigioso maçarico. As sombras sobre o lago iluminaram-se e nós vimos àquela luz verde-azulada um enorme monstro que através de dois olhos de fogo nos contemplava. Deveria ter mais de cem metros de altura à minha visão assombrada. Não sabia eu se o seu tamanho era natural assim ou se minhas pupilas dilatadas causavam-me angustiosa alucinação. Preto, mais preto que todas as noites. Era uma ave gigantesca. Asas negras enormes, peito descomunal, bico como duas pás de moinho, olhos qual duas fogueiras. Uma pele cascorenta semelhante à pele que recobre o bico dos perus recobria-lhe o bico e descia-lhe pelo pescoço semi-pelado. Lembrava um enorme corvo. Em sua fisionomia, no entanto, estarrecedoramente, percebiam-se os traços de um ser humano. Os pés de grandes dimensões por sua vez recordavam longinquamente as mãos humanas. Crescia a minha angústia sem limites.

A distância, porém, entre nós e ele era extensíssima. O lago garantia-nos a imunidade mesmo se ali não estivesse Atafon.

As centelhas precipitadas e projetadas pelas mãos do Grande Espírito atravessavam a extensão do lago e atingiam a criatura em pleno peito na região do coração e entravam-lhe pelos olhos maus. Recebendo-as, aquietou-se silencioso ao nosso olhar.

— Esse que vocês vêm foi na Terra um monstro sem entranhas que destruiu milhões de criaturas na conquista do poder — explicou Atafon. As civilizações antigas guardaram o seu nome como o de uma fera indomável. Nasceu e renasceu enquanto a misericórdia divina lhe permitiu as maravilhosas oportunidades de reingresso na carne abençoada. Depois, começou a, cair por força da lei até que a própria forma lhe tomou as feições do pensamento tenebroso. Manteve a força dos conquistadores e das feras, e o porte da ave que sonha voar e governar de cima. É terrivelmente temido nestas regiões. Todavia, se a

forma que a lei lhe permitiu agora não o despertar para a ascenção continuará caindo mais, de forma em forma degradada até o fim...

As palavras do anjo vibraram com estranhos acentos em minha alma. Contemplei o monstro numa ânsia sem limites de saber quem fora ele na Terra, Orcus contudo segredou-me:

— Não temos permissão da Lei para revelar essas criaturas, tão grande é a transformação que apresentam. A revelação simples e pura das personalidades que animaram na superfície causaria tal impacto mental ao homem que vão seria o nosso serviço. A prudência nessas regiões é a melhor garantia para o caído. Se os homens soubessem o seu nome sintonizar-se-iam com ele no campo da vibração, emitindo e recebendo, e em breve o monstro também vibraria em direção à superfície, de tal maneira que- não demoraria o mundo a sentir-lhe as imensas perturbações em forma de terremotos, guerras e desordens sem nome. Não aterrorizou-se você apenas com o seu grito?

A interrogação de Orcus calou-me fundo no espírito já tão abalado. Seria eu capaz de prosseguir em marcha?

Orcus identificando-me as indagações, acrescentou: — Não se esqueça, meu filho, que estamos somente no limiar dos abismos...

Não pretendemos de uma só vez sobrecarregar-lhe a mente desacostumada às imagens pouco comuns.

21 - Outras Criaturas

A grande ave abria e fechava o bico enorme como se deglutisse alguma coisa.

Tínhamos a impressão de que o cansaço dominava-lhe o organismo. Todavia, Orcus esclareceu:

— Nestas profundezas, os seres que aqui residem quase sempre sentem-se ansiados pela atmosfera asfixiante e de baixa vibração. Embora ferozes, maus e desvairados, não conseguem sobrepor-se às forças da natureza ...

— Não obstante — aduziu Atafon que ainda mantinha **a** mão estendida em direção ao pássaro — esses grandes seres do mal expedem instruções para a superfície através de outras criaturas que lá em cima lhes cumprem as ordens rigorosamente acreditando-se instrumentos da Grande Justiça. Interferem na vida humana e de certa forma justificam a teoria de que o diabo disputa a alma do homem. De resto, em quase todas as religiões antigas encontramos referências à luta entre o Bem e o Mal, desde a Babilônia até à Índia. Nas anotações relacionadas com a história de Krishna e com os estudos que falam de Vichnú e de Ormuz, encontraremos sempre a luta entre o Bem e o Mal numa perfeita constante. Espíritos de menor porte que ainda vivem na atmosfera da Crosta terrestre recebem-lhes as advertências e cumprem-lhes as ordens. É lógico que dentro do esquema divino por efeito das leis de Deus tudo se enquadra na Justiça Divina. Acontece, porém, que o que poderia ser feito com amor realiza-se simplesmente com excessiva justiça.

Atafon silenciou e nós, assombrados, notamos que de súbito o bicho abriu o bico de maneira diferente e uma voz cavernosa pareceu sair-lhe em pleno peito.

— Que desejais em nossos domínios, Anjo do Abismo?

Não sabeis que nestas trevas governamos nós, os filhos dos Dragões? Porque perturbai-nos o trabalho pacífico em prol da Justiça do Mundo?

Senti-me gelar. Orcus agarrou-me mais firme no braço como quem compreende a minha situação interior.

Atafon demorou algum tempo a responder, depois clamou com voz argentina por cima do lago:

— Como filhos do Cordeiro e Guardião dos Abismos, fazemos uma viagem de estudos e aprendizado. Compete-nos informar às esferas mais altas de que maneira está sendo aplicada a justiça nestes rincões. Nosso dever nos impõe o trabalho. Se vós aplicais a justiça, cabe a mim e a outros guardiães fiscalizá-la. Representamos, também, de alguma forma a Vontade de Deus nestas profundidades.

O pássaro deu-nos a idéia de que estava satisfeito com a resposta. Contudo bocejou estranhamente. Pareceu-nos que pequenas chamas saltavam-lhe da boca. Seria luz?

Após, voltou a dizer:

— Compreendo e acato as ordens de cima, das Esferas que governam o Orbe e os Abismos, respeito-o como guarda-abismal, mas e essas criaturas que o acompanham? Que direito têm de penetrar em nossos domínios? Já venceram elas o bem e o mal, já alcançaram possibilidades superiores?

Um grande silêncio se fez.

— Porque então vêm nos perturbar desrespeitando nossas leis — continuou mais feroz agora em seguida à pausa sem resposta.

Atafon voltou, no entanto, sereno e humilde.

— Receberam ordens superiores para visitar os abismos em viagem de estudo. Foi-lhes permitido percorrer estas regiões e anotar relacionando o trabalho da Justiça que se exerce através dos Dragões para conhecimento dos homens.

A palavra de Atafon pareceu tocar-lhe a vaidade e o orgulho porque tivemos a impressão estranha de que atrás do bico prodigioso e em plenos olhos havia um sorriso de gosto e de alegria.

— Bom, se estão credenciados para contar ao Mundo a obra notável que os Dragões realizam no fundo da Terra para harmonia da Criação — nada temos a dizer e nem faremos um gesto para impedir. Podeis percorrer os domínios que estão sob minha responsabilidade e que é o domínio dos seres que já conquistaram poder para dominar e asas que nos libertam do solo.

Assombrei-me com a interpretação sibilina que aquela criatura procurava dar de sua escravidão na forma.

— Eles não admitem — segredou-me Orcus — de maneira alguma que estejam se degradando na forma pela permanência na imantação do mal. Querem fazer crer que o bico, os olhos de fogo, as asas negras, os pés semi-humanos e tudo o mais são conquista gloriosa. Não vêm a própria forma destorcida como um cárcere chaguento e terrível. Sonham que são seres que adquiriram maiores possibilidades. Com esse pensamento adaptam-se às novas condições de vida nestas zonas infernais.

Era espantoso tudo aquilo! No entanto, passamos a compreender que Deus em Sua Misericórdia permite que os seres adaptem a própria consciência ao ambiente onde vivem a fim de que não se desesperem ainda mais no caminho da dissolução.

Orcus aplaudiu-me o raciocínio. Eu não cabia em mim mesmo de espanto e admiração ante a ave que fala.

— Há muitos seres alados como esse por aqui? — interroguei Orcus — ansiosamente.

Atafon, porém, respondeu-me:

— Uma infinidade. Tudo na obra de Deus é grandioso. Existem aos milhões e o Abismo é por sua vez subdividido em um número muito grande de departamentos. Dante identificou nove círculos principais na zona leste. Acreditou que houvesse visitado todo o Abismo! Na realidade não percorreu nem um terço destas zonas. Deveria voltar. No entanto, tão grande foi a celeuma que levantou em seu tempo que as Entidades Superiores consideraram que o Homem Terrestre ainda não possuía condições espirituais para saber mais. E as suas viagens foram definitivamente encerradas. Ele que

era escritor e médium ao mesmo tempo, retornou então simplesmente à sua atividade de escritor que exerceu até à morte, passando a escrever somente sobre coisas do mundo.

Atafon silenciou e eu fiquei meditando no apontamento cheio de sabedoria que me indicava a dualidade da natureza do poeta florentino. Em verdade, pareceu-me sensato que pudesse ele exercer com idoneidade os dois ministérios.

Continuamos penetrando na região dos abismos.

Um cheiro nauseabundo invadia agora nossas narinas. Exalações fétidas subiam das cavidades e o estreito caminho ora percorrido semelhava mais um corredor apertado dentro do qual nos mantínhamos prisioneiros. Deixamos o rochedo extenso e havíamos, terra a dentro, tomado uma direção que mais ainda nos conduzia a profundidades. Provavelmente, pouca gente na "terra" acreditaria em semelhantes construções subterrâneas. O calor ali se fazia sentir de maneira sensível. Pela primeira vez notei que à proporção que descíamos o calor mais nos sufocava. Era tanto mais estranho visto que até aquele momento havíamos gozado de uma temperatura que se não era tépida pelo menos era suportável.

Não sofrêramos ainda variação de temperatura.

Orcus orientou-me:

— Meu filho, aquela teoria terrestre de que o calor subterrâneo aumenta um grau cada 33 metros que se desce no interior da terra começa a funcionar nesta zona.

— E porque não havíamos sentido esse calor antes? — interroguei aflito.

— Havia uma relação de equilíbrio entre a vibração de nosso perispírito e o calor existente nas regiões por onde passávamos. Aqui, porém, a vibração ambiente é mais lenta e pesada que a vibração de nosso perispírito, além disso, ocorre um fenômeno importante, desconhecido dos homens do mundo e dos cientistas mais arrojados. Depois de uma certa penetração para baixo o aumento de calor não se faz somente na relação de 33 metros por grau. A relação é diferente e menor. Isto é, cada 15 metros aumenta um grau e a proporção vai se reduzindo em metros pela metade o que trás em conseqüência um aumento lógico no aumento dos graus. Quer dizer que se depois de certa distância aumenta um grau cada 15 metros, e em seguida cada 7,50, etc. etc. isto apenas significa que o número de graus vai simplesmente dobrando à medida que se desce na direção do centro.

O ensinamento era novo e revolucionário. Evidentemente, era uma observação que viria interessar à ciência humana no futuro...

De fato, o calor aumentava à proporção que avançávamos.

Estávamos na ponta do rochedo e atingíramos uma zona de intensa lama de caráter vulcânico. Senti que meus pés agora pisavam em massa mole, escura, de cor cinzento chumbo. Seria o começo do lago prateado? Realmente, eu acertara.

Atafon apontou com a mão a extensa superfície do lago e falou dirigindo-se a Orcus:

— Meu caro Orcus — o lago que é de líquido desconhecido na Crosta composto de metais em dissolução «m alto grau de temperatura, apresenta nestas "praias" uma contextura algo mole. Se observarem melhor notarão que dentro dessa massa também há espíritos sofredores chumbados à lama escura.

Novo pavor dominou-me o coração. Figuras estranhas saltavam-me aos olhos atônitos e assombrados. Parecia-me ouvir lamento e pranto, sofrimento e dor. Fisionomias horrendas e deformadas surgiam-me na re-tina dilatada.

— Que espíritos são esses que nadam na lama? — interroguei Orcus.

— Suicidas milenares — respondeu o anjo. Criaturas que sistematicamente abandonaram na terra o veículo de carne através da auto-destruição. Caíram a princípio em si mesmos e depois iniciaram a descida, por falta de vibração superior que os mantivesse nas faixas de Cima, em direção ao centro da terra. Contam-se por milhares as oportunidades que perderam destruindo-se ininterruptamente.

— E pode alguém se destruir indefinidamente? — perguntei um tanto impressionado.

— De uma certa forma sim, esclareceu o Grande Espírito. Há criaturas que fixam o pensamento na desilusão e no desespero. Atingem assim a apatia ou o desvario sem a menor possibilidade de controle. Embora renasçam cada vez em piores condições ou seja ocupando corpos deformados, aleijados, ou organismo cujo cérebro agüenta a carga da loucura, não param aí o seu descontrole e, abusando da Bondade Divina que lhes concede repetidamente a graça de reencarnarem, prosseguem destruindo pelo suicídio a própria forma carnal que lhes asila o espírito inferior Meu filho, se há mil modos de Deus ajudar os homens existem também mil maneiras para o homem desrespeitar Deus.

Atafon calou-se. O silêncio cobriu-nos a alma até que gritos horríveis saindo da lama sob nossos pés repercutiram espantosamente em nós mesmos. Assustei-me mais ainda e uma grande angústia constringiu-me o peito e a garganta. Senti que meus pés mergulhavam cada vez mais na lama e subitamente percebi que eu
mesmo estava enterrado até os joelhos, pouco mais acima. A lama escura colada às minhas pernas dava-me uma sensação estranha de terror. Um fato impressionante ocorreu comigo. Percebia que eu era eu mesmo, no entanto investido em personalidade diferente. Tive a impressão de ver-me a mim mesmo detonando um revólver na cabeça e após isso instintivamente levei a mão ao local onde deveria ter penetrado a bala. Sentia uma dor aguda e a cabeça pareceu-me mole como se fosse de borracha, mas eu continuava vivo e de pé. No entanto, começava a mergulhar no mar de lama.

Imenso alarido se fez à minha volta e seres deformados, mutilados, terríveis subiam em minha direção de mãos distendidas como garras que desejassem me levar para o fundo.

A angústia aumentava em minha alma. Senti-me um suicida que também destruirá o próprio organismo.

A umidade e o barro acinzentado colados em minhas pernas eram medonho suplício. Lembrei-me das areias movediças existentes em certas regiões do mundo e compreendi que era o meu fim. Por uma súbita associação de idéias, inexplicável mesmo naquela situação e naquele local, recordei o apóstolo Pedro afundando-se nas águas quando chamado pelo Senhor para ir ao seu encontro sobre o lago. Então, meu pensamento voltou-se para Deus e orei sentidamente.

Uma força super-humana tomou-me em seus braços e elevou-me de novo à superfície do lago. Repentinamente, verifiquei que Orcus e Atafon amparavam-me carinhosa e afavelmente.

Eu suava frio.

— Nestas regiões, meu filho — falou Orcus — somos obrigados a manter a fé viva em Deus sem o que cairemos em grandes abismos...

— Afinal, o que está me acontecendo? — interroguei cansado.

— Você está passando por regiões onde também estava prisioneiro de si mesmo em outras épocas, ainda não fortalecido devidamente na Sabedoria Divina, voltou a épocas recuadas quando andou por sua vez destruindo o veículo perispiritual. Nem todos poderão percorrer impunemente os caminhos anteriormente percorridos no mal. Dentro dessa lama jazem ainda muitos companheiros seus que compartilharam com você a dor e o sofrimento, o exílio e o desvairamento do suicídio reiterado.

Uma grande sombra invadiu-me a alma. Atafon, porém, bateu-me amigavelmente nas costas e disse:

— Vamos! Quem de nós não passou por momentos terríveis no mundo?

Não há ninguém que não tenha sofrido na terra A desilusão e a dor. As marcas que fizemos no caminho se representam em toda a parte um testemunho de nossas fraquezas passadas falam também no presente de nossa gloriosa regeneração!

Recebi o estímulo do anjo com o coração agradecido e duas grossas lágrimas desceram-me quentes pelas faces pálidas.

Grandes pássaros voavam sobre nossas cabeças a prodigiosa altura. Negros e feios.

Havíamos contornado o lago e atingido um local onde árvores escuras, de troncos nodosos, despidos, sem l olhas, erguiam-se sombriamente. Aquelas árvores pareceram-me seres vegetalizados. Seriam?

Orcus fez-me um sinal de silêncio e Atafon aproximando-se de robusta árvore alizou-lhe o tronco com a mão divina num gesto de infinita doçura. Raios luminosos saltaram-lhe da destra através dos dedos e tive a impressão que penetrava-lhe velozmente o cerne denso.

Em breve tempo, ante os meus olhos extasiados, os galhos da enorme árvore começaram a mexer-se como um polvo em pleno oceano. Impulsos lentos, mansos, movimentaram-lhe a fronde.

Do tronco milenar uma voz longínqua e angustiosa chegou-nos aos ouvidos e fez-nos vibrar compadecidamente o coração.

— Atafon!... Atafon!... Atafon!...

Tive a idéia que a imensa árvore ia se ajoelhar. Os galhos vergaram-se-lhe e envolveram o anjo como num abraço de amor.

Lágrimas ardentes rolaram-nos dos olhos emocionados. O anjo deixou pela primeira vez escapar do peito luminoso um suspiro de profunda piedade. Abraçou-a carinhoso e disse:

— Hélia !Hélia! Estou contigo e não te abandonarei! Confia em mim! Deus não nos abandonará! Persevera e retomarás a forma antiga!

Àquelas palavras, os galhos repentinamente recuaram num gesto brusco de revolta e toda a árvore se sacudiu.

— Não! Não! Não quero! Desejo perder-me no não ser! Quero desaparecer no nirvana! No nada!

— Mas isso não é o nirvana, o nada! — exclamou Atafon provisoriamente liberto do abraço de amor. Estás apenas lutando contra Deus!

— Eu não reconheço nem aceito Deus! — revidou o vegetal humano. Ele que me encarcerou na maldição desta forma não pode esperar o meu respeito nem o meu amor! Eu o odeio! Odeio!

E num grito de terrível angústia a árvore desesperada sacudiu-se toda e contraiu-se enrodilhando-se como uma serpente.

Atafon, silencioso, alizou-lhe mais uma vez o tronco com as mãos luminosas.
Ela pareceu acalmar-se.

— Voltarei noutra ocasião — disse ele — quando estiveres mais amiga. Dizendo isso, fez-nos um gesto para que o acompanhássemos. Olhei e contemplei aquela infinidade de árvores estranhas como quem contempla seres angustiados que se perderam nos abismos da forma. Gazes pestilenciais saiam do lodo onde faces patibulares olhavam-nos surpresas.

22 - As Corujas

Um vozerio sem fim, todavia, acompanhou-nos a retirada.

Gemidos partidos das fibras mais íntimas de seres desconhecidos encheram as praias sombrias. Algazarra terrível que enchia-me a alma de terror e assombro!

O que seria aquilo? — pensei comigo mesmo sem coragem de olhar para trás.

— Atafon! Atafon! — mais de mil vozes gritaram a um só tempo. — Salva-nos! Arranca-nos deste lodo e desta desgraça!

O anjo voltou-se e nós o seguimos com o olhar vitrificado. Então foi que vimos que a estranha floresta negra agitava-se angustiosamente estendendo os braços ressequidos em nossa direção. Na realidade, aqueles galhos semelhantes a garras eram braços dentro da noite. Percebíamos naquelas árvores as almas dos que se paralisaram na forma.

Foi aí que o Anjo do Abismo elevou a voz e respondeu:

— Queridos irmãos e queridas irmãs em prova; vós que petrificastes a mente no egoísmo e no orgulho, lembrai-vos agora do Divino Poder. Quem sou eu para salvar-vos? Só o Pai em Sua Misericórdia poderá elevar-vos do lodo a que vos alojastes até o sólio de luz em que resplandece nas alturas! Voltai-vos para Ele, implorai-lhe o amparo é a ajuda e a Luz Imortal do Seu Reino de Glória há de penetrar até o coração destas furnas! Perdoai-me se não vos posso ajudar agora, mas em minha fraqueza implorarei ao Pai convosco e Ele que não nos abandona, por certo nos ajudará.

A palavra de Atafon provavelmente atravessou os abismos e ganhou a superfície da Terra projetando-se para as esferas superiores, porque alguns segundos após uma chuva de miríades de centelhas prateadas veio descendo terra a dentro até atingir aquelas pobres criaturas de Deus. O ambiente clareou-se de súbito sob a tempestade de luz e então pudemos ver milhões de seres alados que se escondiam na sombra sob as árvores. Corujas esquisitas, de porte avantajado, contemplavam-nos com os olhos fosforescentes. A floresta povoou-se de um momento para outro de milhões de almas prisioneiras da forma. Naqueles olhos de fogo no entanto, nós víamos as características apagadas dos homens da Terra.

Senti-me mais assombrado ainda certo agora de que vagava perdido no inferno da inconsciência humana. Uma ânsia incontida de explicações dominava-me o ser. Desejava mais esclarecimentos sobre tudo aquilo que se abatera sobre mim como um pesadelo ou um sonho de loucura.

Atafon, percebendo-me o anseio, não se fez rogado, e ensinou:

— Nestes abismos, meu filho, a forma, como já lhe disse, ganha a expressão do pensamento de cada um. Modela-se a si mesmo cada espírito que desce ou que sobe. O perispírito ganha no universo sombra ou luz dependendo apenas da direção que imprime à própria mente. Organismo plástico aceita a expressão que lhe dá a força mental. Estas criaturas chumbadas ao lodo ou voando nas alturas escravizadas na forma inferior são responsáveis pela própria direção que deram à própria vida. Amor e ódio nascem em nós mesmos de conformidade com a orientação que demos às nossas energias. A queda ou degradação na forma é um fenômeno comum em todas as regiões do Universo. Não há involução do espírito mas existe a degradação da forma perispiritual. Como sabemos, o perispírito é a mais alta conquista do espírito humano sediado na Terra. O veículo que envolve a alma expressa-lhe os pensamentos e os sentimentos adquirindo vibrações cada vez mais elevadas ao impulso de seus estímulos interiores. Essas criaturas que parecem abandonadas de Deus são todavia) filhos bem amados de sua Justiça. Se não houvesse leis sábias que as amparassem na queda, há muito tempo já haveriam desaparecido no turbilhão do cosmos. Aprisionadas nas formas vegetais, na animalidade, nas aves ou nos minerais, estacionam apenas no tempo até que nesse processo de gestação tenham oportunidade de reconquistar os degraus que perderam na descida. O que parece a infinita desgraça não é mais do que a Infinita Misericórdia.

Contemplei Atafon assombrado.

Não eram somente as anotações repletas de sabedoria que me empolgavam. A cabeça do Anjo iluminara-se interiormente e centelhas de luz irradiavam-se-lhe da mente com profunda intensidade. Tornara-se mais belo e mais puro. Verifiquei que as "aves" ocultas na floresta também pararam de gritar, extasiadas ante o fato extraordinário. Maravilhosa. luminosidade derramara-se-lhe da frente, do peito, dos braços e das mãos. Em plena testa, uma rosa de mil pétalas cintilava como fonte de sublime beleza.

O Anjo compreendeu-nos o assombro porque tentou apagar-se mas não o conseguiu tanta era a sinceridade com que se referira à Obra de Deus. As "corujas", pois que aqueles seres pareciam corujas, estavam magnetizadas, sonambulizadas, olhos vítreos voltados para Atafon.

Orcus aproveitou-se da hora e aconselhou-me:

— Examinemo-las agora que estão estáticas.

Atafon fez-nos um gesto de assentimento e então aproximamo-nos de uma daquelas corujas estranhas e negras, a de porte mais avantajado. Notei que o corpo era recoberto de pêlos e que exibia duas enormes asas semi-peladas como morcegos. O rosto lembrava o ser humano e a cabeça revestia-se também de penugem. Não tinha braços mas firmava-se sobre duas pernas e dois pés, chatos como os dos gansos ou marrecos.

Os olhos esfogueados contemplavam fixamente Atafon. Havia neles a fixidez da inexpressividade da vida que parará. Sonâmbulos, não nos percebiam a nós, Orcus e eu. Passei-lhe a mão com carinho na cabeça, estiquei-lhe uma das asas e acompanhei admirado as nervuras e as linhas das fibras perispirituais. Realmente, era uma obra de arte como forma, muito embora estivesse ele caído nas regiões inferiores do próprio eu..

Estudei-o detidamente com o olhar e tremi. Como podia um ser que outrora fora humano na Crosta da Terra ter atingido tal ponto da escala involutiva da forma animal? O espírito, é certo, passa pela fieira da animalidade como nos ensinou mestre Allan Kardec ("A Gênese) e isso nós compreendemos perfeitamente, contudo sabemos que o fenômeno se dá na escala evolutiva ascendente. Ali, porém, diante de meus olhos eu encontrava o fenômeno contrário, o espírito que retornava ao seio da animalidade caindo de forma em forma em escala descendente, que presumivelmente o levaria, degradante, às origens do ser como vida perispiritual. E a consciência? Qual a situação da consciência daquelas criaturas encarregadas em veículos inferiores?

Orcus percebeu-me as indagações mentais porque aduziu:

— A consciência meu caro, como o caramujo que se esconde na casca, oculta-se na "inconsciência" e aí permanece por séculos e séculos!

Uma estranha angústia alcançou-me o peito e o coração. Aquilo semelhava-me abismo mais pavoroso que todos os abismos. Aquele mergulho na forma inferiorizada, decadente e defeituosa, simbolizava-me agora cárceres escuros onde a inteligência, a razão e a consciência ficavam sepultadas. Não seria o nada? O não ser?

Orcus sorriu amigavelmente.

— Ainda não é o não ser, meu filho, é apenas uma atitude estacionaria entre a consciência e a in-consciência. O mistério do Universo é mais "misterioso" do que os homens imaginam. Não é a sombra a ausência da luz? Assim, também, a inconsciência não é senão a ausência provisória da consciência.

Fitei Orcus surpreendido. Nunca me ocorrera tal raciocínio. Na realidade era espantoso como um fato tão simples passara desapercebido à minha mente.

Mão pousada sobre a cabeça peluda da coruja eu ouvia Orcus como discípulo fiel.

A luz de Atafon apagara-se aos poucos e a floresta principiava a mergulhar-se na escuridão. O meu "homem" movimentou-se e de repente expediu pavoroso grito que me abalou as fibras mais íntimas e após, abandonando-nos, mergulhou nas trevas.

23 - Homens-Rãs

Orcus e Atafon sentiram-me as emoções mais íntimas. Era certo que meu coração batia descompassado ao impacto daquelas pungentes impressões.

Demasiada era para as minhas possibilidades internas de resistência a visão daqueles seres que pela indiferença para consigo mesmos haviam se precipitado nos abismos da forma. Aqueles homens em forma de corujas, aquelas criaturas aladas e fabulosas impressionaram-me fundamente o espírito!

Como aceitar sem um abalo íntimo a vista de criaturas que após terem sido homens na Terra penetravam terra a dentro sob o véu da animalidade?

Aves que foram homens e seres que eram espíritos mas que caminhavam ao encontro de construções íntimas de tal inferioridade que chegavam talvez a atingir o inconcebível!

O que nos aguardaria, agora?

Foi somente aí que notei que atrás de nós, acompanhando-nos com sua pobre lanterna, seguia-nos o infeliz anão. Olhos voltados para o mundo interior que lhe era próprio como simples autômato, escravo de seres perversos, porém mais inteligentes. Estranha e curiosa era a Criação Divina! Deus que esparzira pelo firmamento constelado as naves eternas e luminosas dos astros, abrigara também nas profundidades sombrias dos abismos escuros criaturas daquele jaez!

Minhas meditações foram interrompidas porque percebi que nossos pés agora pisavam uma lama de certa maneira mais mole e mais macia.

Assustado, temi afundar novamente no lamaçal cinzento.

Orcus, no entanto, sorriu e disse:

— Nada tema. Aqui você vai bem porque não possui compromissos com estes sítios. Sua contextura perispiritual vencerá os percalços da marcha. As palavras de Orcus deram-me novo alento e prossegui feliz.

A praia parecia interminável.

Infinita era a sua extensão. O lago prateado era sugestivo quadro digno de ser reproduzido na face do mundo por um artista de gênio!

Olhei a imensidade como quem contempla imenso mar. Quiz voltar-me para o alto mas tão grande foi a angústia que me tomou o coração que me vi obrigado a manter os olhos apenas na lama. A floresta ficara na retaguarda. Enorme montanha abismai arrojara-se de súbito à nossa frente.

— Este é o "Monte do Tempo" — falou Orcus — assinalando-me com a destra a elevação. Espíritos formidáveis, amantes da mentira e do erro habitam-lhe as culminâncias. Sentem-se felizes de contemplar do "alto" estes charcos e supõem assim serem poderosos. Acreditam como os políticos da Terra que pelo simples fato de viverem nas culminâncias "físicas" sejam donos de tudo. Na verdade governam o charco e a lama...

Senti realmente que do alto daquela montanha olhos ocultos nos espiavam. A figura de Atafon, porém, por si só constituía uma garantia de segurança para nós. Além disso, percebíamos embora fracamente as vibrações de Gabriel que desciam das alturas. A lama amolecia cada vez mais e nossos pés afundavam-se na caminhada. Divisei olhos luminescentes nos desvãos escuros e fui surpreendido pelo coaxar de milhares de sapos ou rãs que em profusa orquestração enchiam o labirinto com o som de suas vozes. Eram no entanto vozes prodigiosamente amplificadas como se estranho alto falante lhes desse a cada uma delas um volume insuspeitado. Era de fato ensurdecedor.

O anão, mudo e silencioso, acompanhava-nos. Orcus aos seus olhos tornava-se cada vez maior. Sua figura taurina e seus cabelos brancos de profeta hebreu davam-lhe estranha respeitabilidade naqueles abismos. Como era sublime e confortador possuir um corpo espiritual com todos os órgãos relativos à faixa de evolução em que permanecíamos! Aquelas criaturas mutiladas que vínhamos encontrando eram um atestado vivo do quanto pode cair o espírito invigilante no mundo! A mente era na realidade o modelador do corpo psicofísico. A inconsciência conduzia a criatura às formas animalizadas no roteiro da involução! Voltava o ser a percorrer a fieira quase infinitamente da escala evolutiva!

Contemplei-me a mim mesmo e agradeci a Deus a graça da vida com a relativa perfeição perispiritual a que pudera atingir. Sabia que iríamos agora defrontar criaturas esquisitas habitantes de um mundo inferior, seres perdidos na lama dos submundos da

infra-esfera ou esfera das zonas centrais. Arrepiava-me à simples idéia de defrontá-los. Subitamente sufoquei na garganta um grito de terror. Sob meus pés uma criatura em tudo semelhante à rã se arrastava. Pernas longas, braços curtos, gelatinosa e transparente. Olhava-nos talvez com suprema angústia no olhar. A fisionomia, no entanto, aproximada do rosto humano das raças mais inferiores da humanidade.

Arfava e a boca entreaberta deixava ansiosamente escapar-lhe profundos suspiros de uma espécie de tristeza dolorosa.

Tinha o tamanho de um homem.

Atafon identificou-me a surpresa e o horror. Orcus prendeu-me a mão nas suas com imenso carinho. Senti que dele vinha até mim uma corrente de vibrações prodigiosas que penetravam-me o organismo espiritual em alta velocidade. Uma força desconhecida mantinha-me de pé. Outros seres como aquele começaram a surgir e arrastar-se a nossos pés. A princípio dois ou três e depois, uma multidão.

— São homens! São homens! — exclamei fora de mim levando as mãos que soltara de Orcus, sentindo que minha cabeça andava à volta.

Profunda repugnância dominou-me os sentidos. Rajadas de vibrações inferiores, desencontradas e terríveis partiam daquelas criaturas e atingiam-me em cheio. Pensei morrer mais uma vez... Não fosse Orcus e provavelmente teria caído inconsciente no lamaçal infecto. Cor amarela transparente como a das rãs ou verde escuro, gelatinoso e às vezes vítreo como a dos seres que vivem na treva e na umidade. Eu não poderia contemplar por mais tempo aquelas fisionomias angustiadas ou apáticas que me fitavam fixamente. Inenarrável espetáculo!

Como podiam as criaturas humanas descer tanto na escala espiritual? E, infelizmente, qualquer um poderia chegar àquele estado!

Era um pesadelo! Mal pude sufocar os soluços que me explodiam na garganta!

— O que fizeram estes? O que fizeram estes?! — clamei descontrolado.

Orcus alizou-me a cabeça com amor e Atafon com profundo acento na voz respondeu-me:

— Confiança em Deus, meu filho. Estes são os que não se decidiam nem por Deus nem pelas forças inferiores. Por isso vivem mergulhados ora no lago e ora na lama. Entre eles se encontram espíritos de todas as espécies. Viveram entre os homens numa terrível luta entre as coisas da matéria e as coisas do espírito. Nunca souberam o que desejavam. Indecisos, perderam precioso tempo e não puderam subir assim como não podem descer mais do que já desceram. Vejamos a consciência de um deles. Com essa afirmação o Grande Espírito aproximou-se do espírito-rã mais próximo e colocou-lhe a destra na fronte. O estranho ser não fez um movimento. Seus olhos fixos permaneciam perdidos no tempo. Imediatamente, a nossos olhos atônitos, em sua testa, projetou-se uma tela cinematográfica em tudo semelhante à tela de televisão, todavia reduzida e nós passamos a ver que pessoas, coisas e acontecimentos ali se desenrolavam ininterruptamente.

Cidades enormes desfilavam como por encanto, seguidas por paisagens sombrias e outros abismos profundos. As mais estranhas criaturas apareciam e desapareciam. Eram comuns as paisagens da superfície terrestre. Mas eram mais comuns ainda as visões de lugares tenebrosos e abismais.

Súbito, notamos a presença de uma estranha mulher de longos cabelos e feições ainda belas que fez estremecer a tela mental daquela criatura. Uma onda diferente invadiu-lhe o cérebro espiritual.

— Essa é o espírito a quem ele mais amou, — explicou Atafon. Encontra-se presentemente na superfície e é o objetivo único de sua existência. Por causa dela, esse ser agora estranho e decadente desejará um **dia** retornar à superfície para prosseguir na senda evolutiva. Deus, meu filho, através dos seres faz que funcione a sua Lei usando para ajudar a sua aplicação os próprios seres...

Ligados por forças magnéticas, arrastados pelo amor ou pelo ódio, uns auxiliam de alguma forma os outros a saírem das regiões escuras do próprio eu. Ninguém permanece eternamente estacionário. No universo tudo se modifica e se transforma para o bem. A única realidade imutável é Deus.

Ouvi as palavras de Atafon sentindo-lhe a solenidade do ensinamento. Parecia-me ouvir a voz do próprio Deus falando tal era a sua grandeza moral e espiritual. A voz tomava-lhe entonações desconhecidas e de sua cabeça olímpica raios de luz começaram a jorrar em tal profusão que iluminara o pântano com uma luz roxo-esverdeada.

Seres horripilantes surgiram das trevas em gritos desvairados e logo após, estranho silêncio dominou a vastidão do abismo.

— Oh Anjo! — clamou angustiadamente terrível voz que falava como se através das rochas —, porque te exibes entre as criaturas que nos pertencem? Não sabes qual a Lei? Por acaso vens disputar-nos o Governo do Abismo ou só te foi dada autoridade para fiscalizar?

Atafon empalideceu àquela exortação.

— Perdoa-me, amigo dos Dragões! — respondeu nosso Guia. Não o fiz por querer. Envolvido em forte emoção distraí-me um pouco. Sabes que nunca disputei o Governo dos abismos que de direito pertence aos Dragões até o dia em que o bem sobrepujar o mal nestas regiões. Enquanto isso, funcionará por aqui apenas a Justiça, visto que o amor não encontra ainda guarida nestas almas endurecidas. Perdoa-me e esquece.

Atafon calou-se e nós admiramos-lhe a sublime humildade.

O silêncio tornou a envolver-nos cavernosamente.

Prosseguimos a viagem, esquecendo ali os espíritos-rãs que em número infinito jazia no lamaçal.

Quem sabe voltaríamos um dia para estudá-los melhor?

24 - Notações de Orcus

Meu pensamento abismara-me em profundas cogitações. Aquela situação dos espíritos rãs era um abalo enorme em minhas concepções mais íntimas. Jamais supusera que a forma pudesse chegar a tal ponto de degradação. Ali estavam irmãos nossos aprisionados na forma que se modificara espantosamente ao impulso de pensamentos, sentimentos e atos em desacordo com a Lei de Deus. Desciam, **como** se **em retorno,** na escala evolutiva e caiam nos abismos da inconsciência que os arrastava para as zonas mais densas e mais baixas. Evidentemente quando relatássemos esses fatos, na superfície, haveríamos de encontrar o riso fácil e a zombaria desenfreada. Seria natural. Nós mesmos só acreditávamos porque não poderíamos negar a evidência diante dos olhos. Quão grande era aquele mistério da vida espiritual! Agora compreendíamos perfeitamente porque certas escolas religiosas da Crosta preferiam deter-se no limiar da

verdade eterna! Certo, eram imensamente desanimadores aqueles espetáculos da vida que se debatia em lances mais primitivos. Um governo de feras monstruosas e uma escravidão sem limites. Espíritos que eram animais, espíritos que eram aves, espíritos que eram monstros e espíritos que marchavam ao encontro de formas talvez gelatinosas ou amebianas. Meus olhos turvavam-se e eu sentia aquela profunda angústia que muitas vezes dominara-me a alma já tão abatida. Como continuar suportando impacto emocional de tal natureza? Retroceder, contudo, era impossível. Uma força estranha me obrigava a marchar.

Orcus pousou-me as mãos nos ombros. Compreendera-me a luta íntima.

— Meu filho, Deus que é Pai, sabe por que tudo isso ocorre. Os espíritos tal qual nós mesmos, ainda lutam entre "matéria e espírito". A batalha terrível da evolução se trava dentro de cada um e o progresso evolutivo é conquistado passo a passo. Há recuos e quedas mas a luta continua. Se aqui defrontamos os falidos de todas as espécies, em outras regiões superiores encontraremos os vencedores vestidos em gloriosas túnicas de luz. Há monstros e anjos na Criação Divina, todos, porém, um dia, se encontrarão na glória de Deus, redimidos e purificados. Não te recordas que antes de ir ao Pai, Jesus primeiro desceu aos infernos?

Orcus calou-se mas sua notação permaneceu para sempre em meu espírito.

25 - Ensinamentos Novos

Espessas sombras invadiam agora a região por onde passávamos. Sentíamos que a escuridão se tornara mais densa. Atafon, após a advertência do **Monstro,** apagara-se completamente e marchava conosco apenas à luz da lanterna do infeliz que nos acompanhava. Aquela criatura inconsciente servia-nos de modo automático. Tinha somente um resto de sentimento de responsabilidade que lhe determinava obedecer Atafon sob o impulso talvez de uma lei mal percebida por nós. Por certo, o anjo já numerosas vezes usara os seus serviços. E à força de vê-lo iluminado teria a criatura se curvado à sua autoridade.

Atafon, lendo-me o pensamento, sorriu.

— Não, meu caro, não é nada disso. Simplesmente, os Dragões autorizaram-no e determinaram-lhe me servir. Ele obedece fielmente aos Dragões.

Surpresa maior não poderia se estampar em meus olhos! Como?! — exclamei assombrado. Então, está apenas a serviço dos Dragões?

Atafon tornou a sorrir naquele seu sorriso cheio de mansuetude.

— Quando fui designado pelas forças superiores para servir nestes abismos apresentei-me aos Dragões e disse-lhes qual a minha missão. Já habituados com outros mensageiros que em outras épocas vieram com a mesma finalidade receberam-me com frieza, porém corretamente. Por sua vez indicaram o Anão para me atender no que fosse preciso. Enquanto eu os fiscalizo em nome das forças de Cima, ele me fiscaliza em nome das forças inferiores...

Não podia ser maior o meu assombro. Nunca supusera que aquele escravo do mal fiscalizasse um Anjo!

No entanto, ali estava ele submisso e vigilante dentro da sua inconsciência. Não seriam assim também "em nosso mundo de encarnados? Quem sabe o mal que avassala a Terra não seja ele somente uma defesa è um amparo para aqueles que iniciaram a marcha no bem? Tão estranhos eram aqueles ensinamentos que por trai instante julguei que ia perder os sentidos já tão abalados por tudo o que via. Orcus amparou-me bondosamente.

Uma verdadeira explosão atômica se desencadeara dentro de meu cérebro e senti que tudo rodava vertiginosamente.

Quando voltei a mim, descansava nos braços de Orcus, repousando à margem de belíssimo rio que deslizava por entre árvores silenciosas que cobriam-lhe as margens. Uma brisa suave acariciáva-nos os cabelos amorosamente.

Olhei para o Alto buscando Gabriel e não o encontrei. Picos prodigiosos elevavam-se como torres pontiagudas que se perdiam na distância quase sem limites.

Uma ansiedade esquisita dominou-me o coração. Um desejo desesperado de retornar à superfície e voltar novamente à vida da Terra. Parecia-me que fora exilado no bojo de um submarino que navegasse no fundo do mar. Tudo para mim se tornara estranho e angustioso. Oh! se pudesse voltar!

Orcus abraçou-me carinhosa e paternalmente. Atafon alisou-me a testa com um sorriso algo triste.

— Não se preocupe nem se desespere, meu amigo, há mais de três séculos permaneço nestas regiões sem voltar às regiões onde habito... Tudo no Universo obedece a leis imutáveis e certas. O mergulho que você deu, no abismo é apenas conseqüência da lei que o obriga a descer para depois subir... Ninguém atinge os cimos sem primeiro experimentar as angústias de baixo.

Atafon calou-se. Eu, porém, busquei compreender-lhe o pensamento audacioso mas não consegui. Quanto mais tentava pensar mais um suor frio me cobria a fronte.

O anão olháva-nos parado, extático, evidentemente sem compreender o que se passava. Os olhos vidrados permaneciam-lhe nas órbitas como dois faróis apagados. As mãos em forma de garras e os pés caprinos davam-lhe à figura ares de deus Pan.

— E este — perguntei curioso — há quanto tempo jaz nestas profundidades?

— Nove mil anos, — foi a resposta de Atafon. Déspota terrível na superfície desceu aos abismos como escravo. Traz em si os primeiros sinais da estatização ou em linguagem mais compreensível: está perdendo o uso das faculdades normais da razão e do entendimento e embotando os sentidos de relação com o exterior. Pouco a pouco mergulha dentro de si mesmo caminhando para a imobilidade do perispírito mais denso. Se mantiver a mente presa ao mal e à vingança automática, irá
perdendo depois as expressões humanas da forma. Isso terá início pelos órgãos que mais exercitar no mal. Note que possui os olhos vidrados... opacos... parados... É porque os tem usado constante no trabalho de vigilância a serviço das trevas. Centralizou as energias paralisantes nos órgãos da visão. Não vê outra coisa senão O mal para denunciar os transgressores aos Dragões que os submetem a duros castigos. Meu filho, estamos em plenos domínios dos Grandes Espíritos que controlam a forma no processo de dilaceramento corno caminho para a condenação que os homens não conhecem.

— Mas isto não será então os infernos? — exclamei exaltado.

— De uma certa forma é —, confirmou Atafon. E o que não é inferno no universo, fora das leis de Deus?

26 - Na Gelatina

Mal refeito da explosão atômico-celular que me prostrara, sob o império de prodigiosa vibração, prossegui a marcha amparado ora em Orcus, ora em Atafon.

Estava claro que eu não possuía nem a elevação superior para passar incólume no meio das trevas nem a inferioridade degradante para permanecer nas profundezas do

abismo. Criatura sintonizada com o magnetismo da superfície, filho quase da Crosta planetária, sentia-me asfixiar em pleno coração da Terra.
Súbito, defrontamos imensa montanha de matéria mole semelhante à gelatina. Era de fato de cor verde clara dando-nos a impressão de que poderíamos ver, através dela ou atravessá-la.

Ainda nem bem havia eu pensado isso e Atafon declarou a Orcus:

— Não temos outro caminho. Aqui termina o caminho primitivo. Teremos que atravessá-la.

Notei que Orcus franziu o cenho preocupado e olhou-me pensativo.

— Aumentaremos, provisoriamente, a vibração **dele** — murmurou Atafon.

— Suportará? — interrogou meu amigo espiritual. E o retorno? Não ficará perturbado?
Atafon também pareceu meditar.

Eu sabia que falavam de mim e contemplei a grande massa gelatinosa com justo receio. Como iria entrar naquela mole imensa de uma matéria completamente desconhecida para mim? Já atravessara muitos obstáculos mas aquilo me parecia fantástico!

Atafon colocou-me a mão espalmada sobre a cabeça e, de imediato, passei a perceber que ondas poderosas de vibrações vertiginosas penetravam-me o peito. A princípio senti calor, depois, enorme leveza dominou-me o organismo perispiritual. Compreendi que crescia em mim mesmo e que me tornava **mais rarefeito. A** montanha gelatinosa, agora, a meus olhos, não parecia mais um obstáculo tão formidável. Senti que poderia atravessá-la. Inicialmente, uma tontura invadiu-me o cérebro, em seguida serenei-me intimamente **e** minha visão alargou-se atingindo faixas vibratórias que normalmente eu desconhecia. É certo que uma multidão de seres e coisas que ainda não vira apareciam nesse instante como por
encanto. Divisei criaturas excepcionalmente belas que nos acompanhavam silenciosas. Ao lado disso, seres terríveis, assombrosos, ocupavam-me repentinamente a visão dilatada. Contudo, com um gesto de profunda simplicidade como se houvera realizado a coisa mais natural do mundo, Atafon, deixando-me, avançou em direção ao imenso bloco de gelatina. Avançou e entrou gelatina a dentro como se um raio de luz atravessasse simplesmente um vidro de janela. Assemelhava-se a um peixe numa piscina de vidro.

Fez-nos sinal com a mão. Avançamos. Eu pelo braço de Orcus.

Espantoso é que também entrei na massa esverdeada, verificando que não havia resistência alguma à minha passagem. Como era estranho aquilo tudo! Andávamos sem caminho estabelecido e penetrávamos de maneira inusitada para mim, montanha a dentro.

Um grande silêncio acompanhou-nos a marcha. Atrás ficaram os gritos dos seres horripilantes que havíamos encontrado.

O mundo da morte assemelhava-se-me naquele momento o grandioso mundo da vida. Sob o solo do planeta palpitava a vida espiritual de modo diferente mas absolutamente real. Nossos irmãos mais necessitados permaneciam escravizados à forma que se decompunha ante a insensatez do espírito que desprezava a Lei de Deus.

A massa verde era enorme. É possível que, na medida terrestre, significasse alguns quilômetros de distância.

Havia outros seres ali dentro e isso também me espantou. Na realidade julguei divisar peixes flutuando ou polvos silenciosos.

— Aqui, embora o clima seja mais ameno —, esclareceu Atafon — ainda assim encontramos seres **e** vida. No universo inteiro a vida é presença obrigatória.

O silêncio que acompanhou essas palavras me pareceu maior.

— Preste atenção — disse por sua vez Orcus — e não diga nada. Há muita coisa a observar e **ver.**

Seres estranhos passavam por nós. Verifiquei que possuíam a forma de peixes, os mesmos peixes conhecidos na Crosta ou de outras formas inimagináveis.
Alguns esquisitos, longos; outros, curtos e chatos.

Dilatei os olhos abismado. Aquelas criaturas também pareciam gente. Na face dos peixes eu encontrava a fisionomia dos homens.

— São seres que **voltam** na escala evolutiva — explicou Orcus. — Esta fase é a fase que na **superfície** poderíamos considerar aquática. **A centelha mental aí** está quase **petrificada.** Movimentam-se seguindo o instinto, embora as conquistas espirituais no campo da mente não retrogradem. Se as faculdades não lhes foram destruídas, contudo, estão profundamente anestesiadas...

Por nós passava naquele momento um enorme crustáceo.

Orcus alisou-lhe o dorso com carinho. A criatura demonstrou sentir-se bem. Acariciou-lhe ainda **o** Grande Espírito a cabeça e pediu-me que observasse sua tela mental. Concentrei-me intimamente e pude penetrar-lhe o íntimo. As cenas que divisei na casa mental daquele ser era toda terrestre. Criaturas humanas, com forma humana, ocupavam-lhe os centros da memória. Não refletiam os monstros que o cercavam nem o ambiente abismai. Pelo contrário, como em filme fotográfico, deslizavam-lhe ininterruptamente lares, familiares, seres perfeitamente humanos. Vi-lhe as últimas experiências na Crosta e pude acompanhar de perto seus mais íntimos pensamentos.

— Ultimamente, tem-se **lembrado** muito de suas derradeiras experiências na Terra — informou Orcus.

— E quando ocorreu isso? — indaguei interessado.

— Há mas de vinte mil anos segundo nos explicou Atafon. Agora, parece estar sentindo os primeiros sinto mas daqueles que iniciaram a marcha de volta.

— E os Dragões?! — exclamei preocupado. Não se opõem a isso?

— Fazem tudo para impedir até o momento em que são vencidos pela força da Lei.

O monstro, parado, deixava-se acariciar cheio de mansidão e indiferença ante nossas indagações.

— E isto aqui é um rio ou um lago? — interroguei contemplando a imensidade gelatinosa.

— Poderíamos classificá-la como uma coisa ou outra esta montanha, no entanto, melhor classificada ficaria como sendo **a** estufa perispiritual ou **lago de hibernação** ou campo de recuperação...

Aqui, **a** consciência aparentemente morta pode ainda readquirir o poder de recuperação e começará a "subir"...

Esta **forma aquática** assim como outras formas ficam como o ovo debaixo da galinha que o choca...
O peixe, por um instante contemplou-nos como se quisesse entender o que falávamos e afastou-se de nós.

Em face disso, reiniciamos a caminhada. Atafon detivera-se ouvindo as explicações de Orcus que para ele por certo seriam infinitamente elementares mas não demonstrou o menor menosprezo. Sério como o diretor de um estabelecimento educacional que assiste a aula de um professor. Jamais sorriria do interesse de um aluno embora inferior como eu.

Agradeci intimamente a imensa bondade com que aqueles seres excepcionais me conduziam. Estava tão distante da superfície quanto um homem da pedra lascada estaria da idade moderna.

Tudo o que via, com certeza teria me enlouquecido se não estivesse sob a tutela daqueles seres. Reino in-sondável, profundamente fantástico, abalava-me intensamente as concepções mais ousadas. Era verdade que Dante, o notável poeta florentino, médium extraordinário, também relatara aspectos do interior da Terra e de algumas zonas acima da superfície ou mesmo no ambiente atmosférico terrestre. Uma coisa, porém, era ler Dante e outra ver o que eu estava vendo! Apenas, ao recordar-me dele, sentia-me constranger o coração lembrando-me do que sofrerá entre os homens após retomar do "inferno". O que me aguardaria a mim?

Peixes e homens, espíritos e anjos, tudo agora se confundia em minha mente como se o mundo da fábula se instalasse no interior de minha alma. Estaria sonhando ou estaria louco?
Avançamos massa a dentro. Às vezes com facilidade, outras, de maneira arrastada, difícil. A respiração nem sempre era normal. Por toda a parte, a vida palpitante ou a estagnação da vida. Seres desconformes singravam a gelatina indiferentes à nossa presença. Todavia, sob o impulso daquela força que nos conduzira para baixo, marchávamos. Súbito. Atafon fez ligeiro staccato e avisou-nos:

— Aqui, defrontaremos poderoso vigilante dos Dragões que por certo nos interpelará. Não se preocupem que tudo correrá de acordo com a Vontade Divina.

De fato, ainda bem não acabara o Espírito de falar e como se saísse de uma caverna aberta na gelatina, surgiu-nos de improviso a figura absurda mas real de um verdadeiro netuno. Tridente na destra, barbas longas e fisionomia de certa maneira até simpática. Notei, porém, que da cintura para baixo era absolutamente peixe. Nadou em nossa direção e a uma distância de uns três metros, após descrever um círculo próprio de seres aquáticos, observou-nos detidamente. Parados, silenciosos, aguardávamos sua manifestação sob o olhar amorável de Atafon.

— Que desejais nos domínios dos Dragões, fiscal do Cordeiro? — falou o estranho netuno com voz indescritível.

Observei que as interpelações dos servos dos Dragões eram sempre vasadas em termos semelhantes.

E por mais esquisito que pareça, só nesse momento, notei que o anão estava ausente, o anão que nos acompanhava. Nada perguntei, atento às recomendações de Atafon, e conclui que não pudera penetrar a gelatina aquosa.

Atafon, com simplicidade e compreensão, esclareceu:

— Recebi a incumbência das Potências a que obedeço de fazer uma viagem de estudos no seio das regiões sabiamente administradas pelos Dragões. Tenho a permissão deles.

O estranho netuno pareceu meditar. Depois ameaçou.

— Está bem. Contudo não se esqueça que tenho às minhas ordens milhares de servos prontos a me obedecerem e que em alguns instantes poderiam destruí-los. Ficam, pois; proibidos de tentar aprisionar e conduzir para a superfície qualquer de nossos tutelados.

— Aprisionar como? — pensei instintivamente. Não estavam eles, isto sim, escravizados e aprisionados na forma?

Percebendo-me a mentalização intempestiva, Orcus fez-me um gesto de silêncio ao mesmo tempo que esclarecia de modo imperceptível:

—. Eles crêem que nós aprisionamos os "seres livres" na superfície. Para nós, "libertá-los" seria o termo exato. Não entendem assim. Crêem firmemente que isto é que é a liberdade.

Permaneci absolutamente imóvel e extático ante esse terrível conceito. Era a inversão de todos os valores. Para eles, os aleijões da forma eram uma glória!

Atafon agradeceu e, surpreendentemente, solicitou-lhe:
— Não poderíamos descansar um pouco em seu ambiente de trabalho? Uma cacetada na cabeça do netuno não lhe teria sido maior choque.

Surpreso, fez um gesto de assentimento e nós **o** acompanhamos.

Era veloz mas teve a gentileza, talvez inexplicável, de comboiar-nos. Tive a impressão que vendo-nos **caminhar** enquanto que ele **nadava,** um sorriso de superioridade bailava-lhe nos lábios. Evidentemente, certo de que a locomoção fácil naquele ambiente gelatinoso lhe dava uma posição superior à nossa, esquecido de que dificilmente se movimentaria em meio diferente enquanto estivesse **escravo da forma** degenerada.

27 - Meditações nas Profundezas

Fiquei pensando ainda na forma que precipitada em si mesma descia ao mais fundo da Terra perdendo-se lentamente. Resultado da decadência do espírito que, indiferente, vivera no mundo esquecido de que Deus que dera a vida também organizara o Universo mediante leis inexoráveis. De nada adiantava rir das leis divinas, Elas existiam e funcionavam de maneira perfeita. O pensamento que constrói o universo interior também podia determinar a precipitação no inconsciente sem fim...

Como esquecer que em nós permanecem os germens da vida eterna e da morte aparente? Imensa tristeza estampou-se em minha alma. Orcus, porém, veio em meu socorro, ensinando:

— Meu filho, não se emocione nem se perturbe. Acima de nós está Deus que zela por todos. As criaturas não estão perdidas e se redimirão um dia a si mesmas ... Nas trevas mais densas se esconde a luz que reaparecerá no futuro. Esperemos o amanhã com o Senhor que é a verdadeira liberdade.

Senti-me voltar ao ambiente sob o influxo daquelas palavras de fogo. Orcus, humilde e simples, sereno e bom, era a fonte da vida espiritual que me acompanhava. Olhei-o agradecido e senti que duas lágrimas escorriam-me pelas faces silenciosas.

Atafon enviou-me de maneira sutil vibrações inexprimíveis de amparo que me tocaram o coração. À nossa volta continuavam a passar os seres estranhos que habitavam aquela massa gelatinosa como se houvessem nascido ali e vivido ali eternamente.

Os polvos de cem braços e olhar tristonho movimentavam-se com enorme facilidade e figuras nunca vistas na terra apareciam e desapareciam a cada instante surpreendendo-nos a visão.

Tudo nos convidava ao estudo e à meditação. Mas a mente sobrecarregada de surpresas principiava a negar-se a grandes divagações. Uma poderosa força se abatera

sobre mim e compreendi que a inferioridade do espírito nos arrasta sempre para as zonas da casa mental.

Tentei observar melhor o ambiente a fim de aprender mais e compreender mais, Atafon, no entanto, fez-me um gesto indicando-me que deveríamos acompanhar **em silêncio mental** aquele ser meio-homem e meio-peixe que comandava milhares de outros seres que haviam perdido o comando de si mesmos.

Ainda porque nos aproximávamos de seu ambiente de trabalho.

28 - Na Casa de Netuno

Tudo era verde ali dentro. Uma caverna comum sem grandes atrativos. Larga, porém. Imensa.

Pareceu-me ver bocas e orifícios dentro dos quais olhos fuzilantes nos contemplavam. O que seria aquilo?

— Somos os nerodianos — exclamou à guisa de explicação, o estranho ser. E aqui mantemos alguns companheiros que descansam de suas lutas na superfície.

Como **a** caverna estivesse aparentemente vazia, e fosse ali a gelatina mais verde, não deixei de esboçar um sorriso de incredulidade. Nerodiano, todavia, não se fez de rogado.

— Vejo que o moço que vos acompanha — falou dirigindo-se a Atafon — ainda mantém os laços que **o** prendem à superfície! Esquisito que possa ter vindo até os domínios dos Dragões. Não possui credencias para isso!

Senti terrível pavor apossar-se-me da consciência. Era certo que todos nós estávamos nas mãos daquelas criaturas. Conquanto imaginasse o **poder** de que poderia dispor Atafon ou Orcus em tal circunstância para defender-nos não imaginava contudo a força de que disporiam eles.

— É amigo nosso, com ingresso livre nas profundidades por ordem Superior — esclareceu Atafon com humildade.

— Não discuto ordens superiores — retrucou Nerodiano, mas estranho verificar que ele não possui as condições de superioridade que caracterizam os seres angélicos ou simplesmente iluminados que vêm à nossa zona.

— A condição dele — ajuntou Orcus — é a do aprendiz que vem observar para dizer aos homens a grande obra de Justiça realizada pelos Dragões.

—Ah! agora compreendo! — disse Nerodiano balançando a cabeça. Até que enfim fazem-nos justiça!

A explicação de nossos benfeitores tiveram o dom de acalmar-lhe a mente embotada satisfazendo-lhe a vaidade.

— Se é assim, acrescentou, terei prazer de mostrar-lhe aqueles que descem para subir.

Dizendo isso, encaminhou-nos a escuro túnel onde jaziam criaturas aparentemente mumificadas. Deitadas no solo com a face para cima. Notei espantado que todas elas tinham a forma de peixes. A cauda e as barbatanas. Apenas a cabeça era ainda um vislumbre da humanidade. Vestidos de peixe!
Atafon tomou a palavra e ensinou:

— Aqui se passa o mesmo fenômeno que vimos com os espíritos rãs, apenas acontece que os rãs que já perderam, as pernas e as mãos, desceram mais e vieram se localizar nestas regiões. Resta-lhes da forma humana a fisionomia. A mente deles porém, está num estado mais profundo ainda de estagnação.

Enquanto Atafon ensinava havíamos saído do túnel e observávamos outros túneis onde inumeráveis seres daquelas condições se enfileiravam.

Nerodiano aprovou as afirmativas de Atafon como quem as considerasse indiscutíveis.

— A queda da forma nos planos inferiores — continuou o Espírito — é um fato. A mente pode, aumentando sua vibração, atingir a angelitude de outras formas superiores de vida, assim como diminuindo, se precipitará nos abismos da forma. A densidade do perispírito aumenta ao mesmo passo que determina maior peso atômico e o ser desce às profundidades. É simples lei física indiscutível. Embora constantemente percorrido por incessantes cargas eletromagnéticas as células perispirituais têm a contextura organizada por divisões semelhantes aos nêutrons que em si mesmos não têm carga elétrica, o que lhe permite a incursão através de qualquer tipo de matéria. Não haverá obstáculo à sua passagem, como acontece conosco, dependendo apenas da relação existente entre elas e a matéria a ser atravessada. A terra não é mais do que uma grande faixa em movimento atômico ou eletrônico e as profundezas são outras tantas faixas circulares onde milhões de organismos vivos se movimentam permanentemente. Viver em toda a parte do universo é condição absoluta. A morte como a entendem os homens comuns da superfície, não existe.

Atafon calou-se. Nerodiano contemplou-o aturdido e Orcus baixara os olhos respeitosamente. Somente eu, talvez pela profunda ignorância que me caracteriza, tudo assistia como quem penetrasse no Palácio Encantado da Ilusão.

29 - As Ovas

A minha surpresa, como iria ver, não atingira ainda o auge.

Nerodiano, provavelmente entusiasmado com o interesse que Atafon demonstrava, começou a falar com eloqüência.

— Como vêm, estes são os nossos "arquivos". A Justiça dos Dragões é rigorosa e terrível! Ai daqueles que caem nas mãos dos Dragões! Nós cooperamos com a Justiça do Mundo e com a Ordem do Universo! Por intermédio de nossas organizações cumprimos a Lei!

Atafon fez um gesto aprovativo com a cabeça. De fato, era verdade. A degradação da forma atirando os espíritos endurecidos no mal aos abismos trazia como conseqüência o cumprimento de leis físicas, químicas ou magnéticas de alcance universal. A tortura, porém, e o desapiedado sistema de escravizar os seres corria por conta dos Dragões. Nerodiano, ainda sob o entusiasmo da demonstração, convidou-nos a descer mais penetrando em túnel central. Uma angústia dominou-me o peito. Senti-me arfar e compreendi que ambiente mais pesado nos rodeava.

À frente defrontamos uma sala circular. Observando melhor verifiquei estarmos dentro de uma espécie de forno, tão abobadado era o teto. Atafon cochichou-nos:

— Estas são as madres de gestação. Aqui, as criaturas espirituais que perderam todos os membros pela mentalização e conduta no mal, em luta contra as leis de Deus, têm a oportunidade de jazerem à espera do despertar para subir ou retornar ao domínio da Lei renovadora. São como sementes na Terra ou como ovos em chocadeiras.

— Não são estes os ovóides de que nos fala abalizado escritor espiritual? — interroguei recordando-me de outras informações.

— Realmente, são seres em condições semelhantes, acontecendo somente que a situação espiritual destes é um pouco pior... Já se desgastaram mais e atingiram profundíssimo estágio de inconsciência. Os ovóides de que nos falou o amigo espiritual ainda tinham fome e se ligavam a outras criaturas encarnadas. Estes não. Estes nem mais se alimentam. Semelham ovos completamente fechados.

Nerodiano que nos contemplava, acrescentou enfaticamente.

— Infalível e dura é a lei dos Dragões. Aqueles que não obedecem pagam caro! Querem ver?

Dizendo isso conduziu-nos para as proximidades de espécie de nichos incrustados na gelatina, ali já mais densa e escura.

Pude então observar que verdadeiras ovas de peixes dormitavam. Eram enormes. Algumas absolutamente como ovos de aves, lisas e ligeiramente afuniladas numa das extremidades. Outras alongadas como ovas marinhas. Umas mantinham apenas o desenho da fisionomia humana ou macacoide. Outras nada expressavam dando-nos a idéia de que haviam se recoberto com a casca.

Meu assombro não tinha limites. Lembrei-me da Terra dos homens bons e dos homens maus. Quão enganadas viviam as criaturas sob o peso da ilusão!

A quantidade era enorme e os nichos ou madres eram sem fim.

Atafon, talvez esquecido da presença de Nerodiano, entrou a ensinar:

— A forma como vêm deforma-se, desgasta-se e degrada-se. A mente conquanto não retrograde perde pouco a pouco o seu poder de expressão e inicia o processo de paralisação de seus movimentos mais íntimos. Aqui estamos no limiar da segunda morte. Se não houvesse este recurso da natureza que expressa a Lei de Deus que ainda quer salvar estaria tudo perdido!

— E a segunda morte se realiza de fato? — interpelei aflito.

Sim, meu filho, a segunda morte é uma realidade. Morre-se no mundo inferior ao encontro das faixas vibratórias mais densas pela petrificação ou mineralização do perispírito, se assim podemos nos expressar, ou morre-se uma segunda vez quando se perde, nas esferas superiores, o veículo perispiritual ao conquistar-se organismo mais sutil e sublimado. Em qualquer dos casos poderá vir a ocorrer uma desintegração atômica.

— E a mente desintegrar-se-á algum dia? — arrisquei a pergunta.

— A destruição do ser na sua maior intimidade que é a mente, meu filho, reduto sagrado da divindade, também pode ocorrer mas isso só mais tarde poderemos compreender.

— E a imortalidade não nos garante uma integridade da mente?

— A subdivisão da mente que um dia se tornou humana e que marcha ao encontro da angelitude é semelhante à subdivisão do átomo, quase inexplicável inicial mente pela Ciência da Terra e tão fácil de compreender hoje.

Atafon olhou os seres decaídos que ali permaneciam abraçados com a Terra.

— O mistério da Vida Universal é ainda um desafio à ciência e à compreensão dos homens. Deus, porém em sua Grandeza e Bondade concede-nos órgãos novos de percepção que fazem com que saiamos das trevas para a luz.

O espírito Sublime acariciou como era seu costume um daqueles pobres adormecidos e a criatura aprisionada em si mesma pareceu fazer movimentos que nós percebemos. Lembrava uma lesma que se movimentasse.

— Restam-lhe ainda algumas vibrações — acrescentou Orcus que até aquele momento se mantivera silencioso.

Nerodiano aguardava extático o término da lição.

Como prova do que dizia, Atafon acariciou outro
daqueles seres dormentes, tão profundamente adormecidos como se estivessem mortos, sem que este fizesse qualquer movimento por mais imperceptível que fosse ou desse por qualquer forma demonstração de vida.

As galerias contendo as **madres de gestação** tomavam todas as direções como logo em seguida pudemos ver.

O êxito da visita entusiasmara Nerodiano que resolvera abrir todas as **portas** para nós. Via-se no rosto do **Grande Carcereiro** que ele se sentia feliz em vigiar aqueles infelizes. Na realidade, abstraindo-se da situação fantástica da caverna gelatinosa e da profundidade em que se encontrava, poderíamos admitir aquilo como um departamento ou laboratório especializado. Deus em sua imensa misericórdia estendera as mãos para amparar os que caiam permitindo-lhes um estágio em região intermediária.

De fato, o que poderia à primeira vista nos parecer um mal era o Bem Salvador que fora ao encontro dos que estavam perdidos.

Grandes chocadeiras funcionando segundo um mecanismo que eu desconhecia era **a** classificação mais adequada.

Depois disso, Atafon teve um gesto de agradecimento a Nerodiano, e preparamo-nos para sair quando notamos a chegada de "outros peixes" que nadando velozmente vieram ao nosso encontro.

— Como vai meu filho? —interrogou um deles, que pude verificar logo ser criatura feminina. Não nos deu a menor atenção nem nos cumprimentou. Os outros rodearam Nerodiano. Eram exatamente seis.

O monstrengo respondeu-lhe até com certa delicadeza.

— Vai bem. Está sob meus cuidados especiais.

Demonstrou algum sinal de vida? — continuou.

— Não. Nada demonstrou.

Era evidente que nos interessamos de imediato pelo assunto. Estávamos surpreendidos. Será que mesmo no fundo dos abismos o instinto maternal predominava?

— Desejava vê-lo. Pode ser? — pediu ela.

Nerodiano assentiu com ligeiro movimento de cabeça e ambos se encaminharam para uma grande prateleira situada não muito distante de nós.

Vimos que Nerodiano **rolou** um daqueles ovóides. A mãe acariciou-o, abraçou-o e começou a chorar desesperadamente.

— Meu filho, meu filho! Quando voltarás a me reconhecer?

Tão grande era o seu desespero que nos comoveu.

Jamais poderia imaginar que naquelas regiões pudesse medrar o sentimento e **o** amor!

No entanto, ali estava **o** fato eloqüente e vivo.

Como era terrível contemplar aquela mãe que se dirigia ao filho encarcerado em si mesmo!

Nem um som, nem uma palavra, nem um movimento veio dele.

Impotente, clamou desvairada:

— Malditos Dragões que nos aprisionam e escravizam! Porque fizeram isso com meu filho! Malditos, malditos sejam todos!

Soluços entrecortados sacudiram-lhe o peito. Jamais me esquecerei daquela **mulher-peixe** desesperada dentro dos abismos!

Nerodiano, impassível, falou-lhe severo:

— Não te dirijas insolentemente aos Dragões. Sabes **o** que espera os revoltosos...

A mulher-peixe assombrada pareceu recordar-se de algo terrível porque se calou imediatamente e, nadando, foi embora.

Atafon percebeu-me a onda de pensamentos desencontrados porque veio lesto em meu auxílio:

— Não conhecem a lei que os desgasta e deforma — explicou solícito — crêem que a degradação da própria forma é obra dos Dragões. Estes por sua vez, criaturas inteligentíssimas e más, conservam-nos nessa crença absurda a fim de melhor governá-los. Aproveitam-se da força da lei real e conquistam com esse estratagema o respeito de milhões de espíritos que nestas regiões se debatem nas malhas da forma degradante e degradada.

Nerodiano acompanhava-lhe a palavra livre e não demorou a envolver-se no assunto emitindo comentário audacioso:

— Admira-me muito que mensageiro de hierarquia espiritual de tua classe venha desprestigiar os Dragões, "Vigilantes Milenares da Forma"!

Atafon contemplou-o e respondeu:

— Enganas-te, Nerodiano, não busco diminuir os Dragões, apenas instruo o meu pupilo. Não me envolvo na Justiça dos Dragões, estudo a Obra de Deus em toda a parte. Não dizes tu mesmo que os Dragões executam a Lei? Pois eu venho em nome da Lei que tu respeitas. Como viste, nada disse à mulher que menos prezasse o trabalho dos Dragões.

O espírito pareceu acalmar-se porque falou à guisa de desculpa:

— Tens razão, não havia pensado nisso. É verdade que não perturbaste a mulher.

Assistindo aquilo tudo e vendo Nerodiano, ele mesmo, **metade homem** e **metade peixe,** não podia compreender a sua conformação e obediência aos preceitos de seres tão perversos quanto os Dragões, que eu ainda não conhecia mas que estava aprendendo a temer. Somente seres muito poderosos teriam forças para existir desafiando o bem **e** zombando da Divindade dentro de um processo de escravização de milhares.

— Saiamos, — disse Atafon — e conduziu-nos para fora da caverna.

Nerodiano, à saída, após os agradecimentos de Atafon, ficou contemplando-nos enquanto nos afastávamos através do oceano de gelatina.

30 - Indicações sobre o Poder Mental

Seres estranhos e sinistros passavam por nós em todas as direções, todavia o olhar parecia-lhes distante **e** perdido.

— São inconscientes? — perguntei.

— Na realidade são, esclareceu Orcus. — O pensa mento deles conquanto exista, permanece longe ou em botado. Vivem uma vida de peixes ou de seres aquáticos. Não se lembram, muitas vezes, da **esfera de cima** e supõem que são capazes de articular uma vida diferente em condições superiores. Perderam a noção de valor ou de forma humana.

E têm sensações e desejos? — continuei interrogando.

— Às vezes essas sensações se intensificam naquilo que poderíamos chamar a base-infra-física. À proporção que o ser **cai** as sensações e desejos concentram-se cada vez mais em seus órgãos de manifestações primárias, e, de maneira excepcional, sexuais. A natureza em toda a parte do Universo exige o seu quinhão e cobra o seu tributo.

— Mas aqui, nesta região e nestes sítios existe entendimento sexual entre estas criaturas? — exclamei espantado.

— Talvez não como o entendem os homens, mas existe. A manifestação do sexo é um dos maiores poderes da mente em todo o Universo. A mente em estágio inferior de conhecimento, progresso e vibração expressa-se sexualmente através de órgãos de sensação e reprodução das formas em plano inferior. A mente em estágio de conhecimento, progresso e vibração superior expressa-se sexualmente através de

transferência de ali mento masculino ou feminino que em última instância significa troca de valores evolutivos. Não recebe a flor o pólen de outra flor que se situa à distância? E o que é isso em última análise senão manifestação sexual no campo da botânica?

Fitei Orcus assombrado. Nunca ouvira semelhantes explicações e, naquele local, tornava-se ainda mais fantástico.

— Então esses seres que vemos, deformados, escravizados, mutilados, ainda assim se amam e reproduzem?

— De certa forma, sim. Amar e reproduzir-se é lei de Deus. Através das formas infinitamente diferentes expressa-se a evolução do princípio espiritual em marcha para o Supremo Bem. A escada que conduz aos Cimos espirituais tem sua base nas formas inferiores da vida. Deus está em tudo. A cada um segundo as suas obras, como ensina a Palavra Divina. Da sombra para a luz, e do inferior para o superior, exprimem o princípio da Lei. O que pensam os homens a respeito da Verdade não altera a própria Verdade. Aqui em baixo, como lá *no* Alto, Deus legisla com o mesmo amor e carinho. Ninguém é órfão da Providência Divina. O ódio é apenas o afastamento da Lei. A desordem somente indica a existência da ordem e o mal é temporariamente a ausência do bem. Estacionar e progredir são estágios de um mesmo movimento.

Orcus calou-se e eu fiquei extático contemplando a gelatina verde que continha em si milhões de vidas que representavam a existência de Deus em toda a parte.

Orcus sorriu percebendo-me os pensamentos através da tela mental e acrescentou:

— Não se iluda, meu amigo, o anjo e o demônio são irmãos... A ameba e as Potências Celestiais mais elevadas detêm em si os princípios da mesma vida universal eterna e gloriosa.

Fomos, porém, surpreendidos pela chegada de um estranho polvo de mil braços e olhar fosforescente. Aterrorizei-me. Atafon, no entanto, estendeu a destra da qual partiram fagulhas azulíneas de intensa vibratibilidade. O animal estacou e flutuou à nossa frente. Era, na realidade, um monstro. Antes que me refizesse da surpresa fui tomado por uma surpresa maior. Com voz gutural e horrenda, falou ele dirigindo-se a Atafon:

— Não respeitas os teus irmãos? Onde está a tua superioridade, anjo do abismo?

— Aqui não se trata de respeitar irmãos, — respondeu Atafon — e sim de auto-defesa. Sabes muito bem qual a tua intenção! A Lei não nos obriga a sucumbir! Viajo com finalidades educativas em companhia de amigos, conheces minhas funções de fiscal da Lei, porque me atacas?

As palavras decisivas de Atafon pareceram deter o monstro porque permaneceu extático. Antes que dissesse algo, Atafon arrastou-se lago a dentro deixando-o ali parado. A gelatina cobria a imensidade. Sentíamo-nos ansiosos por sair dali. O Grande Espírito percebeu-me a luta íntima porque exclamou:

— Sairemos já destas regiões. Espíritos menos compreensivos começaram a infestar este lago!

De fato, notei que as "águas gelatinosas" movimentavam estranhamente e julguei vislumbrar seres desconhecidos, de tamanho descomunal, que nadavam em nossa direção.

— Por ora, você, meu filho não está em condições psíquicas de enfrentar todos os monstros que habitam estes sítios —, exclamou Orcus. Atafon sabe o que faz. O conhecimento gradativo é norma indefectível do Pensamento Superior. Ninguém pode dar mais do que tem nem receber mais do que pode. A capacidade assimilativa de cada espírito determina sua situação no universo. Já dizia o apóstolo que às crianças se deve dar leite...

Compreendi os ensinamentos de Orcus. Nem a mais me impelia a minha natural curiosidade. Se conhecer era o meu objetivo, sobreviver era-me necessidade absoluta. Não devia recuar nem devia arriscar, todavia, minha integridade perispiritual. A cada

um segundo as suas obras, ensinara o Senhor. Não tinha eu direito de pedir mais do que merecia ou defrontar perigos para os quais não estava preparado. Ademais, ladeavam-me dois queridos instrutores.

Quando saímos do lago em extensa praia, a noite escura invadia-nos totalmente a retina. Senti que fora a densidade ambiente era menos asfixiante. Uma aragem fresca banhava-nos as faces e uma impressão de bem estar tomáva-nos o coração. Uma réstea de luz descia do alto.

— É ainda Gabriel que vela —, explicou Atafon. Através das rochas, dos lagos e das trevas, projeta Ele a sua luz para nos advertir que está presente. Deus não abandona as suas criaturas.

Atafon falou e eu segui com os olhos aquela expressão da Bondade Divina que descia aos mais profundos abismos.

—0O0—

Logo em seguida, porém, passamos a ouvir esquisitas vozes guturais nascidas da noite escura.

— São os crocodilos, advertiu-nos o Grande Espírito. Passaremos por entre eles incólumes.

— São também formas espirituais? — interroguei assombrado.

— Sim. Irmãos nossos que jazem aprisionados nas formas animalescas que criaram para si mesmos. As criaturas criam as prisões que as escravizam. Quando o homem compreender um dia o poder modelador da mente, compreenderá então que atingir as estrelas ou mergulhar nos mais profundos infernos é unicamente obra sua. O poder da mente, centelha divina e dádiva do Criador, conduz para os cimos ou para os baixios de acordo com a vontade de cada um que se opõe ou se adapta à Lei. O pensamento, meu filho, estabelece no ser as correntes vibratórias que organizam o próprio espírito. Vibrar é intensificar em si mesmo o amor de Deus ou **o** amor da matéria mais densa.

Ouvi os ensinamentos com profunda humildade. Meu coração sentiu que Atafon abria para mim o santuário dos Grandes Mistérios...

A nossos pés, estáticos, olhares fosforescentes, horríveis, centenas de **espíritos-crocodilos** nos contemplavam. Atafon acendera uma luz em pleno peito. Luminosidade roxo-prateada derramava-se-lhe em torno o que parecia imobilizar as horrendas criaturas.

As fisionomias, porém, por mais incrível que pareça, lembravam as caras dos homens. No olhar havia aquela expressão da humanidade perdida. Um pavor sobre-humano dominou-me as entranhas. Não saberia dizer se era emoção de ver a que ponto desceram nossos irmãos escravizados na forma degenerada ou se o receio de ser assaltado por aquelas criaturas anti-humanas. Longa, longuíssima foi a caminhada. Nada lhes falamos e Atafon pareceu preferir o silêncio. Orcus segurava-me o braço e mantinha-me ereto.

As sombras da noite eram apenas iluminadas agora pela luz de Atafon que clareava as fisionomias animalescas. Interminável a viagem, até que foram escasseando os

agrupamentos de crocodilos e de repente tomamos por estreito caminho que rodeava a montanha soturna onde habitavam os maiores seres daqueles lugares. Perdemos de vista os crocodilos, que, assim que perceberam que a luz desaparecera prorromperam numa gritaria infernal.

Foi então que pude distinguir entre aquelas vozes sons verdadeiramente humanos que clamavam:

— Senhor! Senhor! Perdoa-nos o mal que praticamos!

Estarreci. Porque não ajudar a esses que estavam arrependidos?

— De nada vale, disse Orcus — conduzi-los simplesmente das trevas para a luz. A mudança de lugar apenas não lhes altera a intimidade do ser. Só o tempo poderá reconduzi-los à superfície com sucesso.

— E esses gritos de arrependimento não são verdadeiros?

— É possível que sejam, mas não está escrito que não basta dizer "Senhor! Senhor!"? A evolução é inexorável e a lei que permitiu a descida exige condições para a subida. Ninguém desafia impunemente as leis de Deus. O doente hospitalizado em estado grave, pelo fato de gritar Senhor! Senhor! não fica curado imediatamente, fica? Terá que aguardar a cura lenta que os medica mentos lhe proporcionaram. Aqueles crocodilos naquele charco não estão abandonados a si mesmos. A Misericórdia Divina já lhes ouviu as vozes e provera.

Diante das observações judiciosas de Orcus calei-me, embora dominado por profunda angústia no coração.

31 - A Montanha

Em cima, na montanha escura, dissera Atafon que habitavam grandes e terríveis espíritos envoltos em formas jamais sonhadas pelos homens e supunham-se eles administradores dos charcos e das planícies. Realmente, uivos, urros, e clamores que abalavam a imensidade ouviam-se de quando em quando fazendo-me tremer as fibras mais íntimas do ser. Atafon à frente, Orcus e por fim eu caminhávamos em coluna. Éramos três sombras fracamente iluminadas pela luz de um Espírito. A imensidade daqueles ermos não tinha medida e seria impossível descrever-lhes a extensão.

De quando em quando meu coração era tomado por um profundo vazio, cheio de angústia. Parecia-me infinita a solidão.

Orcus percebeu-me as oscilações vibratórias porque murmurou para Atafon:

— O nosso amigo está sentindo a angústia do tempo.

Atafon estacou imediatamente e respondeu:

— Orcus, nesse caso a situação é grave. Teremos que buscar pouso em algum Posto de Vigia.

Eu começara a me sentir cada vez mais tonto e tinha a sensação de que ia perder os sentidos.

— Como encontrar agora um Posto de Vigia? — ouvi ainda a voz de Orcus um tanto preocupada.

— Veremos, — acrescentou Atafon.

— Não me lembro de mais nada. Quando acordei repousava em leito muito alvo onde uma temperatura agradável nos penetrava intensamente.

Orcus paternalmente me alizava a cabeça e Atafon sorria-me.

— Você sofreu uma crise de tempo, disse ele. Não é fácil atravessar essas zonas sem a noção de tempo que a superfície concede àqueles que vivem nela.

Meu pensamento ainda incapaz de articular-se não podia compreender exatamente o que ele falava. Só muito mais tarde iria saber que a falta de noção de medida de tempo pode precipitar a criatura num estado de completa desolação interna. O vazio e a angústia dominam de tal maneira a alma que o ser marcha vertiginosamente ao encontro da inconsciência. Há uma paralisação quase total dos centros motores do cérebro e do coração.

Olhei melhor o ambiente e vi que ali havia outras criaturas quase tão belas quanto Atafon e Orcus.

Lembravam formas femininas de diafaneidade inconcebível.

— São nossas irmãs designadas para vigiar um dos desfiladeiros do Abismo —, apresentou alegremente Atafon.

As criaturas aproximaram-se de mim e beijaram-me na testa.

Temp e Téra — murmuraram elas com vozes angelicais. O Senhor concedeu-nos a alegria de serví-LO nestes abismos e somos felizes por isso.

— Como poderiam ser felizes naquelas regiões abandonadas de tudo! — pensei comigo.

Sorriram numa demonstração de que haviam compreendido o meu pensamento.

— A alegria íntima de servir vence todas as dificuldades! — ensinou-me Téra. Quando se conquista o sentimento verdadeiro do amor a Deus e aos outros seres somos felizes em qualquer parte do Universo. O Reino de Deus está em toda a parte.

Senti-me ligeiramente envergonhado ao ouvir-lhe a lição.

— Mas e o abandono, a solidão? — gaguejei.

— Não existem abandono nem solidão — esclareceu. — Nós vivemos intensamente procurando despertar nos seres que habitam os abismos a compreensão da Lei de Deus ou então amparando aqueles que se perdem.

As palavras de Téra caíram em meu coração como água no deserto. À minha visão limitada descortinou-se um entendimento maior da alegria de viver para servir.

Passei ali muitas horas ou dias ou meses. Não sei dizer por que ali o tempo não se conta. Estaria aquilo tudo ocorrendo dentro de alguns minutos apenas de acordo com a medida de tempo da Terra? Não poderia também responder porque quando na superfície eu me lembrava que, sonhando, em alguns minutos ou horas uma infinidade de coisas aconteciam.

Temp e Téra são dois espíritos de evolução feminina com enorme progresso conquistado. Mais abaixo um pouco de Atafon e mais acima do que Orcus. Admiráveis criaturas de mãos iluminadas.

Perguntei-lhes se haviam feito sempre a sua evolução na Terra. Disseram que não. Vieram de Vênus onde haviam atingido o mais alto progresso possível. Informadas da existência de planos subterrâneos em nosso mundo ofereceram-se voluntárias para ajudar os abismos. Essa decisão repercutiu intensamente entre o Conselho Espiritual Venuziano que após entendimentos com o Governador da Terra concedeu-lhes autorização. Chegaram aqui há milênios onde permanecem. De vez em quando são revezadas por outras duas figuras masculinas de Vênus de igual evolução. Irus e Urus.

O revezamento se faz na base de oitocentos anos terrestres. Espécie de férias. A dedicação desses espíritos que guardam a forma degenerada nas profundidades do submundo atinge as raias do sublime. A penetração da luz em plenas trevas representa evidentemente notável colaboração.

Ê certo que isso lhes aumentará as credenciais nos planos superiores mas não fazem isso com a intenção de conquistarem credenciais, estimula-se apenas o amor ao próximo.

Inigualáveis na afeição, cercaram-me de carinho. Durante esse tempo não vi Orcus nem Atafon que se ausentaram em visita a outras regiões. Supus que no momento talvez me fosse interdita a viagem com eles.

Procurei compreender e aproveitar a companhia das irmãs que se desvelavam a meu lado contando-me histórias dos abismos e de suas lutas. O sistema de vida que levavam impressionou-me profundamente. Na realidade não eram criaturas como nós. Eram mais diáfanas e possuíam uma capacidade de penetração extra-ordinária através dos obstáculos, fossem eles montanhas, lagos ou poeiras.

O que significa poeira no interior da Terra são grandes faixas vibratórias que circulam interiormente o planeta como que tocadas por ventos invisíveis e que quase sempre arrastam multidão de seres como um ciclone. É motivo permanente de terror. Elas, todavia, se sobrepunham às poeiras. As ondas passam por elas sem lhes causar a mínima alteração.

Alimentavam-se em copos de cristalina transparência ingerindo líquidos de inigualável beleza. Davam-me às vezes alguns daqueles alimentos. Sentia-me intensamente revigorado e notava que me aguçavam as percepções espirituais. Pareciam líquidos de fogo que exaltavam-me **os** sentidos espirituais.

As taças em forma de grandes lírios eram de excelsa delicadeza.

Temp e Téra repousavam pouco, pois enquanto uma cuidava de mim a outra desvelava-se vigilante nos desfiladeiros. Que serviço faziam elas em favor daqueles espíritos deformados, perdidos, inconscientes ou loucos?

— Nem sempre estão perdidos, falou Téra certa vez que meu pensamento fixara-se com intensidade no problema. Em todo ser por mais baixo que tenha caído sempre brilha a luz da esperança. Controlamos os enviados dos Dragões e impedimos que a sua ânsia de justiça ultrapasse a força da Lei. Aqui estamos como Guardiães dos mais fracos. Mesmo entre as feras existem os mais fortes e os mais fracos. Opomo-nos à ferocidade sem limite e damos amparo aos que começam a subir...

Então é realidade a afirmativa de que através da forma degenerada ou desgastada pode o espírito "caído" tornar a subir? — interroguei ansioso de conhecimento.

— A Divina Bondade recupera sempre aos que anseiam por recuperar-se. Mesmo depois de perdida toda a esperança no coração das formas ainda permanece a Esperança Divina. Deus, meu filho, é infinitamente misericordioso...

Compreendi o apontamento de Téra e perdi-me em profundas meditações. Uma pequena janela de material e forma inconcebíveis na superfície permitia-nos ver o exterior da habitação e pude perceber que lá fora muitas vezes o vento gemia e uma cortina de neve caía sem cessar. Como poderia se dar tal fenômeno estranho tendo em vista a afirmativa científica de que a cada 33 metros de profundidade na terra corresponde um grau de calor e de acordo com as informações espirituais, mais ainda?

Téra explicou-me que a ciência humana do futuro é que poderia compreender o fenômeno.

— O interior da Terra também possui zonas frigidas, gélidas em seus círculos espirituais. Estamos numa faixa espiritual de intensa frigidez por onde os espíritos sombrios passam cobertos de neve e endurecidos. Aqui, somente seres de cascas ou carapaças endurecidas podem viver. Nós estamos acima da temperatura e do tempo existente nestas zonas. Você, porém, ainda não possui organismo espiritual adequado. Por isso Atafon preferiu deixá-lo em nosso clima caseiro. De fato, olhando pela janela,

vi que filas intermináveis de criaturas semelhantes aos búfalos caminhavam na neve. Suas fisionomias, no entanto, lembravam longinquamente a fisionomia dos homens. Olhos fuzilantes como brasas e passo tardo. Seres de forma anti-diluviana, dinossauros horríveis, descomunais, abalavam as imensidades. contemplá-los por aquele óculo era de certa forma um espetáculo horripilante mas ao mesmo tempo grandioso. Como seriam os Dragões? Gostaria de enfrentá-los um dia!

Téra alisou-me os cabelos mansamente e disse:

— Você se lembra da história de Lúcifer? Então não deseje nunca ver os Dragões! Ainda não se conformaram com aquilo que supõem ser condenação eterna!

Através da janela vi outros seres. Às vezes eram bandos enormes de macacos peludos ou de ursos esquisitos. Dizia-me Téra que todos eles eram espíritos decaídos às voltas com a forma.

Alguns arriscavam-se a vir até à janela e olhavam-nos ansiosos. A presença de Téra ou de Temp, contudo, parece que impedia-os de qualquer ataque. Supus tratar com criaturas espirituais.

— De certa maneira são — explicou-me Téra. A capacidade mental deles está muito reduzida, muitíssimo abaixo de qualquer ser que habita a superfície. O que acontece, porém, é que muitos embora descendo guardam inviolavelmente a inteligência e passam a usá-la para o mal. Nem todos caminham logo ao encontro da inconsciência. Resistem por um poder para nós ainda desconhecido à paralisação da mente. Endurece-lhes primeiro o coração e a inteligência brilha para o mal. Esses são realmente perigosos. Daqui debaixo tramam incursões na superfície. Por isso vocês se lembram que Lúcifer quis escalar os céus. Precipitado nos abismos namora a superfície revoltado. Há quedas de planetas superiores para planetas inferiores, mas há quedas também para o interior do próprio planeta.

Fiquei contemplando aquele anjo sublime que me servia certo de que a Infinita Bondade de Deus se esquecera que na minha inferioridade eu ainda conservava a mente sem luz e um coração de barro.

32 - A Volta de Atafon

O retorno de Atafon e Orcus encheu-me o coração de alegria. Embora já' ambientado com Téra e Temp, aprazia-me vê-los de volta. Sentia-me firme, seguro com eles. Sorriram da minha alegria que lhes devera parecer infantil.

— Fomos ao sub-abismos — falou ele. A situação continua a mesma. Nada melhorou por lá.

— Sub-abismo? — Aquilo vibrou como pancada desferida em minha cabeça. O que seria isso?

— Nós apenas percorremos até agora lugares situados na faixa interior da Terra que se convencionou chamar Abismos. Logo em seguida, descendo vem o que se chamou sub-abismos ou abaixo dos abismos. São regiões mais profundas situadas em faixa imediatamente inferior àquela em que estamos. Meu filho, seguimos sempre na direção do centro. Aqui onde habitam Téra e Temp é uma das entradas ou portas de acesso dos sub-abismos para os abismos ou dos abismos para os sub-abismos. Desce-se e sobe-se. No momento, infelizmente você não está em condições de descer mais, deverá satisfazer-se somente com a informação da existência dessa faixa que lhe ficará por ora desconhecida.

Agradeci com um gesto a delicadeza de Atafon, mesmo porque eu ainda guardava o leito e compreendia perfeitamente minha imensa inferioridade espiritual. Aprendera logo que no interior da Terra só se desce sendo ou cada vez mais monstro ou cada vez mais anjo. Jesus descera aos infernos ou regiões inferiores como o maior dos Anjos que já penetrou a Terra.

Para os mundos superiores a Lei é quase a mesma. Há portas de saída ou de entrada por toda a parte. Entra-se por atraso ou por adiantamento. Na condição de aprendiz ou na situação de doente. Os Instrutores divinos espalhados por toda a parte estudam-nos as possibilidades.

Orcus, sereno, contemplava-me com simpatia e amor. Espírito de alta envergadura alegrava-se com os meus progressos no campo do conhecimento.

Despedimo-nos de Téra e Temp com lágrimas nos olhos. À porta abraçamo-nos com profundo carinho e saudade. À nossa frente a escuridão da noite mais escura esperáva-nos tendo como estrada vielas pedregosas, úmidas, escorregadias, limbosas.

O coração batia-me no peito descompassado. Não poderia pensar. A saudade da Crosta voltava-me agora mais intensa.

— Em breve, retornaremos à superfície —, animou-me Orcus paternalmente. Nossa primeira viagem pelo interior da Terra aproxima-se do fim. Um dia, haveremos de penetrar de novo até os Grandes Abismos Um calor diferente percorreu-me o ser. As palavras de Orcus plenas de eletromagnetismo espiritual fizeram-me enorme bem. A esperança de respirar à tona era re-conforto inimaginável. Embora o aprendizado e a conquista de conhecimentos superiores, a saudade do lar era indescritível.
Vencera a angústia do tempo mas não conseguira ainda me sobrepor à angústia da saudade.

As vielas agora se sucediam umas após as outras com desvios labirínticos e perturbadores. As ondas de neves ficaram para trás e os grandes mamutes que eu vira através da janela haviam desaparecido. A solidão, a imensa e terrível solidão é que, somente ela, dominava todas as coisas. Nem um grito, nem um som, nada.

— Devemos ter cuidado agora, explicou Atafon. Este silêncio é perigoso. Os Dragões que povoam o centro da Terra usam-no para enlouquecer os espíritos como nós que vêm em missão. Acreditam que possamos cair.

— E isso não acontece nunca? — indaguei.

— Às vezes acontece. Espíritos menos prevenidos deixam-se invadir pelo silêncio das coisas mortas e desorientam-se. Aí então aparecem os monstros horríveis que se ocultam nessas brenhas e arrastam-nos para as trevas.

— Quer dizer que esse silêncio é aparente? — perguntei ansioso.

— É sim. Todos estão aí. Quer ver?

Fiz um gesto que sim. Atafon ergueu a destra em direção à imensidade e uma descarga de luz azulínea-arroxeada iluminou as trevas. Nessa hora pude ver milhares de criaturas de todos os tamanhos e formas, medonhas e horripilantes, sub-humanas ou animalescas, que prorromperam num clamor de ensurdecer. Tapei os ouvidos aterrorizado mas inutilmente porque os sons penetravam através do organismo perispiritual como pontas de fogo e faziam-no repercutir como um tambor. Imaginei cair desacordado, mas Atafon fez um gesto de luz e tudo voltou ao silêncio mais sepulcral. Compreendi que o risco luminoso que traçou com a destra era uma ordem que eles entendiam. Meu coração descompassado iniciou a marcha para a normalidade.

— Compreendeu onde estamos? — cochichou-me Orcus apertando-me o braço. Nada por aqui é desabitado. A luz e as trevas enchem o universo e acima delas Deus governa.

33 - Buscando a Saída

— Há portas de saída para todo o Universo — ensinou Orcus. Das esferas inferiores para as esferas superiores. Todas elas são guardadas por seres terríveis ou angelicais. Nas faixas vibratórias de maior densidade permanecem guardiães maléficos e às vezes, como aqui, enviados celestiais. A dificuldade para o espírito que evolui consiste em atingir essas portas libertadoras. Uma infinidade de criaturas que se comprazem em viver nas trevas ou no mal procuram impedir por todas as formas que o ser se liberte. Usam todos os meios e recursos ao seu alcance. O orgulho, a vaidade e o egoísmo são seus aliados naturais, a seguir, os preconceitos e por fim a força e a violência. Isso caracteriza a luta entre o "Bem e o Mal", a "Luz e as Trevas" identificados em todas as épocas por todos os grandes iniciados. A matéria degladia-se com o espírito. Ser ou não ser, disse o grande Poeta.

Fitei Orcus deslumbrado. Suas anotações eram realmente impressionantes! O silêncio dominando de novo a extensão convidava-nos ao temor sem limites. Levantei os olhos procurando as "portas". Nada vi. Somente escuridão. Apenas do peito de Atafon luminosa fonte de luz esverdeada clareava o caminho. Busquei Gabriel nas alturas mas os raios de sua luz coavam-se fraquíssimos para mim através dos rochedos. Onde estaríamos? Como era angustioso o silêncio!

Assustei-me. Eu que sofrerá a crise do tempo não viria a sofrer a angústia do silêncio?

— É possível —, falou-me Orcus, antes que eu lhe dissesse. O silêncio absoluto provoca uma profunda tristeza. O coração parece esvaziar-se completamente e a alma perde o equilíbrio interior.

Fitei Orcus preocupado. Meu coração começava a angustiar-se e uma indiferença esquisita dominava-me a alma.

— Não estamos, todavia, no silêncio absoluto, esclareceu ele. O ambiente está repleto de idéias, pensamentos-formas desses milhares de criaturas que se escondem na sombra... O que pensam e o que sentem refletem-se no espaço aéreo que preenche os abismos e conquanto espíritos como você não o percebam, são contudo, atingidos em pleno peito ou na cabeça pelo impacto dessas manifestações de ordem inferior, emanadas de suas inteligências ou impulsos terríveis de seus sentimentos. Na realidade, poderíamos compará-los ao estampido de canhões num plano em que nem toda a mente pode alcançar.

Calou-se Orcus. Atafon à frente prosseguia a jornada. Pareceu-me que subia escarpada encosta. O terreno era escorregadio e pedregoso. Escuro. Caminho estreito que mal dava para o passo de um homem.

De repente, Atafon fez-nos um sinal com a destra. Estacamos. Murmurou qualquer coisa baixinho para Orcus e então fui surpreendido por um fato extraordinário. Atafon que até ali se mantivera dentro de uma conduta de perfeita modéstia e humildade, elevou-se no espaço como um grande pássaro. Suas vestes semelhavam asas e de súbito, iluminaram-se de uma luz verde-amarelada cujos raios iluminavam as trevas. Vi assombrado milhões de criaturas que exibiam todas as formas e aspectos que jaziam nas reentrâncias dos rochedos, nos buracos enormes ou nos caminhos tortuosos. Atafon pairou na altura. A princípio chocados com o fenômeno o silêncio pareceu tornar-se mais profundo, em seguida prorromperam em imensa gritaria como lhes era hábito em tais circunstâncias. Depois, frações de segundos se se pudesse medir o tempo, as vozes fizeram terrível staccato. Atafon como um pássaro de luz subia na escuridão que aos poucos ia recaindo nos abismos. À sua passagem nas alturas verificamos que píncaros pontiagudos de extensão quase infinita clareavam-se e logo após mergulhavam na sombra. Ficáramos perdidos na distância imensurável. Onde iria aquele Anjo do Abismo? Pensei dominado por angustiosa tristeza.

— Atafon foi obrigado a subir a fim de observar se as "portas de saída" estão abertas para nós — explicou Orcus.

— E porque se manteve ele à pé durante todo esse tempo conosco quando poderíamos ter percorrido estes infernos de maneira mais suave? — interroguei.

— Realmente, poderia ter usado as faculdades pessoais de transporte aéreo e você seria carregado em seus braços —, concordou Orcus. No entanto, meu filho, você perderia a beleza da viagem, não acha? Veria tudo de cima e isso não atenderia aos objetivos de sua incursão. Por outro lado, meu caro, naquelas alturas onde se encontra no momento Atafon está ele desenvolvendo uma velocidade celular de expansão do próprio perispírito tal, que você sob o impacto da vibração dele, viajaria desacordado...

Olhei Orcus surpreso e pálido mas compreendi a observação.

— Se os seres superiores vibrassem a nosso lado com toda a intensidade de que são capazes nós adormeceríamos —, ensinou ainda o Grande Espírito. Lembra-se de Jesus no Tabor? Não ocorreu fato semelhante? Há leis de tal rigidez que inutilmente tentaríamos vencê-las. A humildade em toda a parte do Universo é o equilíbrio das leis.

O rosto de Orcus sobre o pescoço taurino naquela hora pareceu-me também iluminado por estranhas vibrações e eu senti que um estado diferente e esquisito me envolvia o coração.

34 - As Portas Libertadoras

Atafon perdera-se nas distâncias abismais.

Sabíamos que à nossa volta os monstros horrendos faziam as suas habitações e, mergulhados nas trevas, poderiam surgir de um momento para outro. Não me era dado saber qual a força real ou poder de Orcus. Teria ele possibilidades de defesa idênticas às de Atafon? O fato é que o silêncio dominava as coisas e envolvia-nos completamente. Alegrei-me com o silêncio que tempos antes me angustiara. Agora, ele era como bálsamo na minha alma. Sabia que significava a quietude e a calma. Os seres horripilantes daquelas regiões estavam quedos.

Atafon desaparecera. Orcus suspirou.

— Enfim, atravessou as portas! — disse ele.

Compreendi que falava de Atafon.

— Agora está na superfície, — acrescentou, — e em breve nós o seguiremos!

— É-nos permitido sair em linha reta como ele? — perguntei.

— Não, isso não, mas conseguirá as ordens de que necessitamos para o retorno.

— Quer dizer que não poderemos sair dos abismos sem essas ordens?

— Não, não poderemos. Quem desce com permissão permanece sob controle das esferas mais elevadas. Teremos que aguardar autorização para penetrar de novo nas "terras da superfície..."

— Isto está me parecendo "passaporte", falei tentando sorrir. Orcus riu-se abertamente da minha idéia.

— Nem mais nem menos, meu filho, a Lei é semelhante.

A espera foi longa. Abraçados nos ermos sem fim parecíamos duas aves abandonadas nos píncaros de cordilheiras nuas.

O vento começava a gemer.

— É o Teon de novo, — explicou meu amigo. Como me senti outro ouvindo o vento!

— Não é ele que marca o tempo por aqui?

É sim.

— Agora compreendo a bênção que representa. Fico ansioso esperando a sua volta!

De fato, era uma realidade. O vento gemia e silenciava. Tempos depois retornava a gemer. Tínhamos a impressão perfeita de um relógio eterno. Entre um gemido e outro havia um espaço que significava tempo! Como a alma humana anseia por medida de tempo enquanto permanece em estado inferior de evolução! Dificilmente, o espírito

poderá de um golpe compreender e viver a eternidade! Vejo que aqui, Deus guardou um profundo mistério!

A insignificância de nossa presença nos abismos era completa. A grandeza das cordilheiras pontiagudas pressionava-nos a mente. Na distância infinita vimos de novo um clarão.

— É Gabriel — esclareceu Orcus — que prepara a nossa volta.

De fato, lá estavam novamente as silhuetas das asas do Anjo.

Compreendi que uma luz imensa estava sendo projetada para o interior da terra. Descêramos de mais, penetráramos a enorme profundidade. Pareceu-me ver naquela luz que marchava ao nosso encontro uma prodigiosa escada que lentamente se desenrolava como uma faixa.

— As linhas magnéticas de proteção estão sendo lançadas para o interior, — explicou-me o Amigo Espiritual. Em breve, estaremos "controlados" por elas.

Contemplei a luz e, realmente, linhas magnéticas de forças corriam em nossa direção. Descargas elétricas acompanhavam-lhe o processo. Passara através das cordilheiras e dos acidentes como se estes não existissem. Logo, fomos envolvidos por aquela força estranha que nos dominou os centros motores e a capacidade interior. Parecia-me que um enorme poder invadia-me a alma. Tive a impressão que Gabriel estendera as mãos e os braços em nossa direção e que, dele, partiam faíscas, raios e linhas de força eletromagnéticas e talvez atômicas. Imenso aparelho de energias cósmicas.

Iniciamos a caminhada naquele desenho fantástico gravado na atmosfera abismai.

Era bem uma escada. Caminhávamos por ele em direção à superfície como se o fizéssemos em superfície plana.

Marcha lenta, eivada de saudade. Uma emoção desconhecida tomara-nos o íntimo ao deixar aqueles ermos. Pensávamos nas criaturas condenadas à degradação da forma que ali permaneciam. Nada podíamos fazer por elas. Submundo completamente desconhecido dos homens.

Na Crosta terrestre a criatura humana plasmava a sua infelicidade ou a sua alegria futura, o paraíso interior ou o inferno da perturbação quase sem fim. Agora compreendia eu porque algumas religiões falavam em inferno. Na verdade, não existia inferno eterno mas estágios de permanência infernal. Ali, cada um precipitáva-se a si mesmo no desgaste da própria forma perispiritual executando o plano da inconsciência que desce...

De vez em quando ouvíamos alguns gritos chocantes partidos dos contrafortes das montanhas escuras.

— Voltaremos, algum dia, para estudo mais perfeito dos abismos — afirmou Orcus. Esta viagem que fizemos tinha como único objetivo dar uma notícia da existência real de criaturas espirituais no fundo da Terra. Todo o Universo está povoado. Não existe um só recanto do Cosmos onde Deus não tenha colocado a vida.

Nossa viagem conquanto longa, aproximava-se do fim. Víamos, agora, Gabriel perfeitamente. Sobre grandiosa montanha, de asas espalmadas como uma águia, mãos abertas voltadas para nós, irradiava luz, força e amor. Era de uma beleza indescritível e o rosto iluminado ofuscáva-nos o olhar.

Olhei-o apenas um momento e escondi os olhos nas mãos para não ficar cego. Pude, no entanto, ver que todo o seu organismo se tornara uma poderosa lâmpada que se incendiara no afã de nos ajudar.

As culminâncias à sua volta estavam impregnadas daquela luz maravilhosa.

Mais um pouco e alcançaríamos as portas de saída. Um pequeno esforço mais. Sentia-me cansado, mas, coisa estranha, aquela luminosidade parecia penetrar-me interiormente como se eu fosse uma esponja que absorvesse água, e dáva-me novo alento.

Enfim, atingimos Gabriel.

Libertos

35 - Libertos

À nossa aproximação, Gabriel diminuiu a luminosidade. Vi que estávamos a pequena distância dele e que caminhávamos por um pequeno trilho sobre as montanhas escarpadas.

O Anjo sorriu-nos. Orcus ajoelhou-se num gesto humilde de agradecimento.

Ouvimos, então, uma voz como jamais ouvi em toda a vida.

— Orcus, não te ajoelhes diante de mim que sou criatura como tu. Amemo-nos sem humilhação. O Senhor, que é a Esperança de Todos, desceu ao mundo em humildade. Levanta-te e olha-me que te amo com toda a minha alma.

Orcus levantou-se. Seu rosto cobrira-se de lágrimas. Gabriel, que agora eu contemplava, porque se apagara quase, era uma criatura impressionantemente bela, jovem e puro, de uma idade inimaginável. Olhei-o e lágrimas dominaram-me sob o impulso da emoção.

— Porque chorais? — perguntou. O Reino de Deus é Reino de Alegria e Paz. Ide com o Senhor.

— Orcus, recobrou a coragem e disse:

— Grande Espírito, que assistis aos pés do Cristo, agradeço-vos o amparo e a proteção. Deus em Sua Misericórdia há de recompensar-vos.

Gabriel fez um gesto significativo com as mãos, de despedida, e Orcus tomou-me nos braços dizendo:

— Meu filho, agarra-te a mim, vamos retornar atravessando a atmosfera movediça.

Logo em seguida, sua mente como poderoso motor pôs-se em movimento e eu senti que nos eleváramos do solo. Como um foguete cósmico penetramos naquela faixa de tons vermelho amarronzados que fervilhava em torno dos centros da terra e percebi que em dado momento havíamos atravessado a superfície e mergulhado de novo no céu estrelado. A noite de uma limpidez sem fim, cravejada de estrelas, era um convite ao descanso e à paz.

Respirei fundo e senti que o ar era pacífico e leve. Como era sublime e bela a superfície em que habitamos! Vi, de longe, os continentes e aguardei que Orcus me recolocasse em terra firme.

Ele sorriu.

— Voltaremos já. O Senhor que nos deu a vida, situou-nos no mundo para o trabalho. Confiemos n'Ele.

Vi a Via-Láctea e as grandes constelações que flutuam na imensidade como quem contempla velhos amigos e criaturas familiares. Havia em minha alma um imenso amor por tudo. Eu sabia agora que nas profundezas vivem aqueles que se esqueceram da Lei de Deus e cuja visão permanece em meu espírito como um pesadelo.

Abracei-me mais ainda a Orcus e beijei-o na face. Orcus sorriu.

— Eis a nossa terra, disse ele — amemo-la com carinho.

Depois disso, começou a descer.

Meus olhos felizes, contemplando o Universo estrelado viam Deus em toda a parte.

FIM



http://groups.google.com.br/group/digitalsource

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros